

Boletim de
Conjuntura da Bahia

4º TRIMESTRE DE 2021

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

4º TRIMESTRE DE 2021



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa dos Santos

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Claúdio Peixoto (interino)

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA – SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)

Jonatas Silva do Espírito Santo

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)
(Coordenação Geral)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

Guillermo Javier Pedreira Etkin

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS
(Coref)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário Internacional, Nacional e Estadual)

Pedro Marques de Santana (Agropecuária)

Carla Janira Souza do Nascimento (Produção Industrial)

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

Arthur Souza Cruz, Thiago Lima Bartolomeu e Marcus Vinícius Souza P. dos Santos (Comércio Exterior)

João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e Marília Jane Campos (Finanças Públicas)

João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e Carol Vieira (Produto Interno Bruto)

Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de Trabalho)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Maria Abreu Góis

NORMALIZAÇÃO

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Marília Reis

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL

EDITORIA DE ARTE

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO

Vinícius Luz Assunção

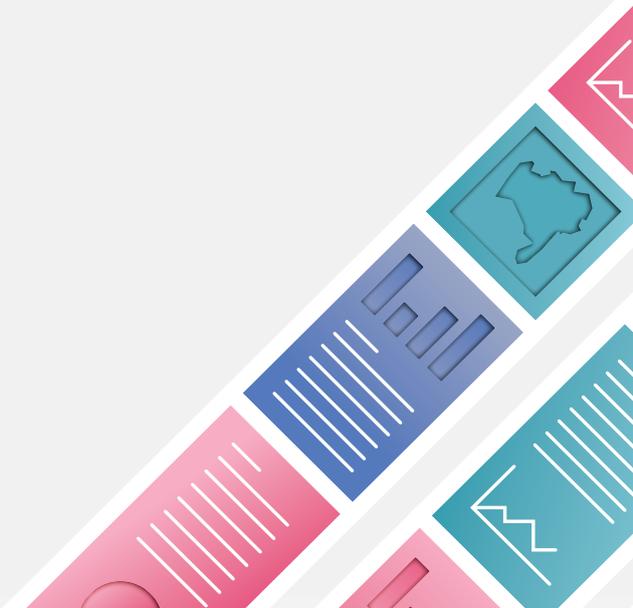
EDITORAÇÃO

Julio Cesar Fonseca

SUMÁRIO



Panorama Internacional e Nacional.....	5
Internacional.....	5
Nacional.....	10
Estadual	14
Agropecuária.....	18
Produção Industrial.....	24
Comércio Varejista	30
Serviços.....	37
Turismo.....	40
Comércio Exterior.....	44
Finanças Públicas.....	52
Produto Interno Bruto (PIB).....	54
Mercado de Trabalho.....	59



PANORAMA INTERNACIONAL, NACIONAL E ESTADUAL

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

INTERNACIONAL

Houve desaceleração no crescimento das principais economias do mundo no terceiro trimestre, associada à variante Delta e a restrições de oferta. O Produto Interno Bruto (PIB) chinês desacelerou de uma alta de 7,9% no segundo trimestre para 4,9% no terceiro trimestre. Os Estados Unidos continuaram seu processo de recuperação agora de maneira mais tímida, crescendo 2,1% no terceiro trimestre de 2021, em dados anualizados. Esse foi o ritmo de crescimento mais lento em mais de um ano.

O PIB da zona do euro cresceu 2,2% no terceiro trimestre em comparação ao trimestre anterior. O resultado representa praticamente uma estabilidade frente ao 2º trimestre, cuja alta foi de 2,1%. A economia do Japão encolheu no terceiro trimestre, devido a uma queda nas exportações causada por restrições na cadeia de suprimentos e menores gastos do consumidor durante o estado de emergência da Covid-19. A terceira maior economia do mundo teve contração real do PIB de 0,8% em relação ao trimestre anterior.

No quarto trimestre, a demanda sustentada por eletrônicos, os altos preços das commodities e da energia continuaram a desempenhar um papel importante na economia mundial, enquanto as cadeias de fornecimento de semicondutores sobrecarregadas pesaram sobre o comércio de veículos e peças.

Mesmo com essas restrições, o crescimento voltou a acelerar no quarto trimestre após a desaceleração do 3º trimestre, como mostrado acima. Essas restrições trouxeram de volta a inflação global. A inflação ao consumidor nos Estados Unidos encerrou 2021 em 7,0% – seu patamar mais elevado desde 1982. Na Área do Euro, a inflação foi de 5,0% – o nível mais alto desde a formação da união monetária. No Reino Unido, a inflação foi de 5,4%, a mais elevada desde 1992. No Canadá, de 4,8% (recorde desde 1991).

Parte dessa inflação se deve a fatores transitórios e deve se dissipar ao longo do tempo – como têm argumentado vários bancos centrais. Mas a inflação tem sido significativamente mais elevada do que os Bancos Centrais vinham prevendo em um contexto de fortes estímulos à demanda nos últimos trimestres

A inflação não confirmou seu caráter transitório. As pressões sobre os preços estão se espalhando e se tornando mais persistentes ainda que as commodities, em especial, tenham se estabilizado em níveis elevados. Mesmo assim as principais economias do mundo voltaram a crescer no último trimestre de 2021.

De acordo com dados oficiais do Departamento Nacional de Estatísticas da China, a economia chinesa cresceu 8,1% em 2021, à medida que a produção industrial aumentou de forma constante até o final do ano e compensou a queda nas vendas no varejo. A economia da China teve um forte início em 2021, à medida que a atividade se recuperava de uma queda induzida pela pandemia no ano anterior, mas perdeu força devido a uma crise imobiliária, restrições de dívida e restrições rigorosas da Covid-19, que atingiram o consumo.

O PIB chinês do quarto trimestre subiu 4,0% em relação ao ano anterior, superior ao aumento de 3,6%, porém desacelerou ante 4,9% no terceiro trimestre. Para o ano inteiro, os economistas esperavam um crescimento médio de 8,0% em 2021. Em relação ao trimestre anterior, o PIB cresceu 1,6%.

O investimento chinês em ativos fixos para 2021 cresceu 4,9%, superando as expectativas de crescimento de 4,8%. O investimento imobiliário aumentou 4,4%, enquanto o investimento em infraestrutura aumentou 0,4%.

O investimento em manufatura cresceu 13,5% em 2021 em relação ao ano anterior, com o maior aumento em máquinas para fins especiais, de 24,3% em relação ao ano anterior. No entanto, as vendas no varejo ficaram abaixo das expectativas e cresceram 1,7% em dezembro em relação ao ano anterior. Analistas consultados pela Reuters previam um aumento de 3,7%.

Em nota o Departamento Nacional de Estatísticas da China observa que “devemos estar cientes de que o ambiente externo é mais complicado e incerto, e a economia doméstica está sob a tripla pressão de contração da demanda, choque de oferta e expectativas enfraquecidas”.

O crescimento econômico dos Estados Unidos acelerou no quarto trimestre, uma vez que as empresas reabasteceram os estoques esgotados para atender à forte demanda por bens, ajudando a atividade do país a registrar seu melhor desempenho em quase quatro décadas em 2021.

O PIB americano aumentou a uma taxa anualizada de 6,9% no último trimestre, informou o Departamento de Comércio, após um ritmo de crescimento de 2,3% no terceiro trimestre. A economia cresceu 5,7% em 2021 como um todo, desempenho mais forte desde 1984. O crescimento no ano passado foi alimentado por estímulos fiscais massivos, assim como juros muito baixos. A economia dos Estados Unidos havia registrado contração de 3,4% em 2020, maior queda em 74 anos.

O crescimento robusto do ano passado apoia a cúpula do Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos, em direção a elevação dos juros em março. Para o chairman do Fed,

Jerome Powell “a economia não precisa mais de níveis altos e sustentados de apoio da política monetária” e que “em breve será apropriado aumentar” os juros.

O crescimento econômico da Zona do Euro desacelerou no quarto trimestre de 2021 contra os três meses anteriores conforme esperado, mas ainda registrou forte expansão anual uma vez que o bom desempenho de França e Itália compensou um trimestre muito mais fraco na Alemanha. A França, segunda maior economia da zona do euro, registrou crescimento trimestral de 0,7% no quarto trimestre e expansão de 5,4% na base anual, enquanto a Itália registrou alta de 0,6% e 6,4% respectivamente.

A agência de estatísticas da União Europeia, Eurostat, divulgou que o Produto Interno Bruto dos 19 países que usam o euro cresceu 0,3% no quarto trimestre sobre os três meses anteriores, registrando ganho de 4,6% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Economistas consultados pela Reuters esperavam alta trimestral de 0,3% e aumento anual de 4,7%, conforme a economia continua a se recuperar de lockdowns causados por ondas da pandemia de coronavírus.

A Eurostat estimou que o PIB da zona do euro em todo o ano de 2021 cresceu 5,3% como na União Europeia, após quedas de -6,4% e 5,9%, respectivamente, em 2020.

A economia do Japão voltou a crescer no quarto trimestre de 2021, depois que as restrições relacionadas à pandemia de Covid-19 foram suspensas, levando a uma recuperação nos gastos do consumidor.

No último trimestre de 2021, a terceira maior economia do mundo, depois dos Estados Unidos e da China, cresceu 1,3% em relação ao trimestre anterior, segundo o Escritório de Estatísticas do país. Em bases anualizadas, o PIB cresceu 5,4%, mostrando o que aconteceria se o crescimento do trimestre continuasse por um ano inteiro. O número veio em linha com as previsões dos economistas. Embora o Japão tenha crescido num ritmo mais rápido em um ano, seu produto interno bruto ainda não conseguiu atingir o nível pré-pandemia.

Os gastos privados aumentaram 2,7% em relação ao trimestre anterior, o primeiro aumento em dois trimestres. O estado de emergência em Tóquio e em outras cidades foi suspenso em 30 de setembro, e as pessoas voltaram gradualmente às lojas e restaurantes. As melhorias nos gargalos da cadeia de suprimentos impactaram as despesas de capital que aumentaram 0,4% em relação ao trimestre anterior. As exportações subiram 1,0%. Alguns economistas esperam que a economia encolha novamente no atual trimestre de janeiro a março por causa da disseminação da variante Ômicron.

As perspectivas de curto prazo para o cenário global continuam pautadas pelos temas de inflação e desempenho da atividade econômica e suas implicações para a política monetária. Após frustração com o desempenho da economia em muitos países, há sinais de certa estabilização, ainda que o aumento dos casos de Covid-19 pela variante Ômicron na Europa traga alguma preocupação, diante da queda da mobilidade das atividades de contato físico.

A variante Ômicron é altamente contagiosa, mas vacinas/doses de reforço ainda são eficazes. Os casos na África do Sul, onde a cepa parece ter se originado, cresceram muito mais rapidamente do que em ondas anteriores. O ritmo de contágio global da Ômicron também sugere que essa variante seja muito mais transmissível, mesmo em pessoas já vacinadas. As hospitalizações na África do Sul, especialmente em unidades intensivas, cresceram menos em comparação com o aumento expressivo dos casos.

A inflação elevada, por sua vez, tem se mostrado mais persistente, aumentando as dúvidas sobre a transitoriedade dos choques. A própria onda da Ômicron parece contribuir para o aumento das pressões inflacionárias globais. Nos países que enfrentam restrições na oferta de mão de obra (notadamente os Estados Unidos), o aumento de casos tende a ampliar ainda mais o problema.

Na China, por outro lado, a política de Covid zero ameaça criar novas perturbações nas cadeias globais de suprimento por conta de shutdowns nos locais onde ocorrem as infecções. Por ora, os dados sugerem que a produção de semicondutores e outros componentes eletrônicos não foi afetada, mas há sinais de atrasos nas entregas por conta de gargalos nos portos.

O impacto negativo do surto da Ômicron sobre a atividade econômica fez o Fundo Monetário Internacional (FMI) rever sua expectativa para a atividade econômica no primeiro trimestre de 2022, afetando a taxa média de crescimento esperada para o ano.

O FMI em seu novo relatório "World Economic Outlook", divulgado em janeiro, mostra que as previsões de crescimento global foram mantidas para 2021 em 5,9%. Para 2022, houve alteração e o fundo reduziu de uma alta de 4,9% no ano para 4,4%, "principalmente devido às quedas representadas por Estados Unidos e China", disse Gita Gopinath, economista-chefe do FMI. A instituição também advertiu sobre o possível surgimento de novas variantes do coronavírus, o que poderia prolongar a pandemia e afetar diretamente os resultados por meio de problemas de logística e abastecimento, além do aumento no preço da energia.

Entre as maiores economias do mundo, como Estados Unidos e China, também houve diminuição nas expectativas de crescimento. O FMI reduziu em 1,2 ponto percentual a previsão de crescimento dos Estados Unidos, por exemplo. Com isso, o país deve crescer

3,9% em 2022 e 2,6% em 2023. Um dos motivos para isso, apontados pelo Fundo, seria o fracasso do presidente Joe Biden em não conseguir a aprovação, no Senado americano, do ambicioso plano de gastos sociais e contra as mudanças climáticas.

A previsão para a China foi reduzida em 0,8 ponto percentual, ou seja, para 4,8% em 2022, após crescimento de 8,1% em 2021. Para 2023, o prognóstico indica nova expansão, de 5,2%. A redução na projeção de crescimento na economia chinesa, de acordo com o FMI, ocorre devido às diferentes medidas restritivas impostas durante a pandemia, como a política de Covid zero, mas também pela crise que assola o mercado imobiliário no país asiático.

Para a União Europeia, o FMI também rebaixou as previsões de crescimento, que deve ser de 3,9% em 2022 e 2,5% em 2023.

As estimativas do relatório do FMI estão condicionadas aos baixos impactos, em termos de mortalidade à onda de Covid, causada pela cepa Ômicron, e ao atual estágio de imunização — assumindo que as taxas de vacinação devem melhorar em todo o mundo e os tratamentos da doença devem se tornar mais eficazes.

Ainda assim, a inflação deve permanecer em patamares mais elevados do que o previsto pelo FMI em outubro. “Supondo que as expectativas permaneçam boas, a inflação deve ceder gradualmente à medida que os desequilíbrios entre oferta e demanda diminuem ao longo de 2022 e a política monetária nas principais economias surta os efeitos desejados”, prevê o documento do FMI.

Outros riscos globais em potencial podem se cristalizar à medida que as tensões geopolíticas permanecem altas. Além disso, a emergência climática sugere que a probabilidade de grandes desastres naturais permaneça elevada.

Portanto, as incertezas trazidas por essas variáveis subjetivas podem comprometer o desempenho da economia global em 2022. Além da inflação que se encontra em níveis desconfortáveis e a variável de controle que é a taxa de juros ter efeito contracionista sobre a atividade econômica, a guerra na Ucrânia mudou as expectativas que exigem muita prudência e cautela nas projeções econômicas sobre o desempenho das principais economias do mundo.

Nacional

No quarto trimestre, a atividade econômica sentiu os impactos da inflação e do maior aperto monetário. Além do aumento da inflação, os fatores climáticos, o repasse cambial e a reabertura da economia também interferiram na atividade econômica. A crise hídrica impactou o preço de energia elétrica, diante dos níveis muito baixos dos reservatórios, enquanto as geadas dos meses de julho e agosto reduziram a oferta de alimentos *in natura*. Ao mesmo tempo, a reabertura da economia puxou os preços dos serviços para cima e as restrições do lado da oferta sustentam a inflação de bens industriais (especialmente automóveis).

Diante desse descolamento da inflação das metas estabelecidas, o Banco Central passou a adotar uma postura mais contracionista na política monetária, elevando a taxa de juros Selic de maneira mais agressiva a partir do terceiro trimestre. O aperto monetário ficou evidente só no fim de outubro, quando a taxa atingiu 7,75%. O aumento da Selic e do crédito afetaram a economia que já se encontrava em desaceleração, especialmente as atividades ligadas ao ciclo econômico, como a construção civil, indústria de transformação, comércio e serviços.

Por sua vez, a inflação alta e persistente que a partir de setembro atingiu dois dígitos, reduziu as perspectivas de crescimento mais significativo, pois, além de corroer o poder de compra das famílias, trouxe a necessidade de forte aperto monetário para conter o processo de aceleração inflacionária. O Banco Central elevou a taxa Selic de 5,25% em agosto para 9,25% em dezembro. Com isso, houve piora nas condições de crédito e no mercado de trabalho, que intensificaram a desaceleração da atividade econômica.

Os resultados do quarto trimestre, com base nas pesquisas mensais setoriais do IBGE, apontam para queda nos principais setores de atividade econômica.

A produção industrial caiu 5,8% em relação ao quarto trimestre de 2020, após ceder no terceiro trimestre, sendo a quinta retração mensal consecutiva desde agosto de 2021. No ano o crescimento acumulado foi de 3,9%. Em 2021, houve uma característica decrescente ao longo do ano, uma vez que houve ganho acumulado de 13,0% no primeiro semestre e, posteriormente, o setor industrial mostrou redução de fôlego. Em 2019, o acumulado do ano foi de -1,1% e em 2020, de -4,5%.

Os efeitos da inflação, desemprego e elevação da taxa de juros ficaram evidentes sobre o comércio varejista, que desde agosto apresentou quedas consecutivas, com o terceiro e quarto trimestres registrando contração, respectivamente, de 1,2% e 4,5%. Mas cresceu 1,4% em 2021 em relação ao ano anterior.

O setor de serviços cresceu 9,4% no quarto trimestre em relação a 2020, após ter expansão de 15,2% no trimestre anterior. O setor fechou 2021 com crescimento de 10,9%, após ter recuado 7,8% em 2020. Essa foi a maior taxa para um fechamento de ano desde o início da série histórica em 2012.

Segundo o gerente da pesquisa, Rodrigo Lobo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “nos primeiros meses de 2020, o setor de serviços foi duramente afetado em função da necessidade de isolamento social e do fechamento dos estabelecimentos que prestavam serviços de caráter presencial. Por outro lado, a pandemia trouxe oportunidades de negócios para serviços voltados às empresas, como os de tecnologia da informação, transporte de cargas, armazenagem, logística de transporte e serviços financeiros auxiliares, que tiveram ganhos mais expressivos e compensaram as perdas dos serviços de caráter presencial”.

As atividades que mais se destacaram no ano foram transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (15,1%) e informação e comunicação (9,4%). Com o aumento, as duas atividades superaram as quedas de 7,6% e 1,6%, respectivamente, registradas em 2020.

Os serviços prestados às famílias (0,9%) foram a quarta atividade, com a nona taxa positiva seguida e crescimento acumulado de 61,6%. A atividade está ainda 11,2% abaixo do patamar pré-pandemia e 21,8% abaixo do ponto mais alto de sua série, em outubro de 2013. Essa foi a atividade do setor de serviços que sentiu os maiores efeitos da pandemia desde o segundo trimestre de 2021, porém vem reduzindo suas perdas pela flexibilização das atividades presenciais e elevação do percentual da população imunizada contra a Covid-19.

Como já foi destacado acima, a indústria geral e o comércio varejista registraram contração no quarto trimestre em relação a 2020. Apenas o setor de serviços apresentou crescimento, favorecido pela flexibilização das atividades e da baixa base de comparação.

Mesmo diante dessa conjuntura, o mercado de trabalho em 2021, por sua vez, surpreendeu as expectativas iniciais. O ritmo de criação de empregos formais foi além daquele visto nas saídas de outras crises e, com a reabertura da economia, os trabalhadores informais também puderam se realocar mais rapidamente. O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) registrou criação de 2,7 milhões de empregos ao longo do ano passado.

Da mesma forma, a taxa de desemprego da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (Pnad Contínua) recuou 11,1% no quarto trimestre, recuo de 1,5 ponto percentual na comparação com o trimestre anterior (12,6%). Já a taxa média anual foi de 13,2%, o que indica uma tendência de recuperação frente à de 2020 (13,8%), ano em que o mercado de trabalho sentiu os maiores impactos da pandemia causada pelo coronavírus. Embora o cenário tenha melhorado em 2021, o patamar pré-Covid ainda não foi recuperado.

Essa taxa média de desocupação (13,2%) equivale a 13,9 milhões de desempregados no país, contingente que ficou estável frente ao ano anterior. Por outro lado, a força de trabalho, soma dos ocupados e desocupados, aumentou 4,3% no mesmo período. Esse crescimento foi impactado pelo aumento de 5,0% na ocupação ou de 4,3 milhões de pessoas. Em 2021, os ocupados foram estimados em 91,3 milhões.

Esses resultados negativos da indústria geral (transformação e extrativa) e do comércio varejista foram decisivos para que o PIB do quarto trimestre em relação ao terceiro não apresentasse um desempenho expressivo. Mesmo com o crescimento significativo da agropecuária (8,5%), a taxa modesta do grande setor serviços (0,5%), e a queda da Indústria (-1,2%) cujos componentes apresentaram resultados negativos, exceção foi na construção (1,5%), puxaram a taxa de crescimento para baixo.

Segundo o IBGE, o PIB do quarto trimestre registrou um crescimento moderado de 0,5% em relação ao terceiro trimestre, se recuperando de dois trimestres de taxas negativas quando o PIB tinha recuado 0,3% e 0,1%, respectivamente.

Pela ótica da demanda, nessa base de comparação, o Consumo das famílias e do governo cresceram 0,7% e 0,8%, respectivamente. Os investimentos apenas (0,4%), enquanto as exportações (-2,4%), e as importações (0,5%), segundo trimestre consecutivo de queda. Mesmo com o pagamento do Auxílio Brasil a partir de novembro, o desemprego elevado e a inflação de itens essenciais em patamares recordes afetaram diretamente a renda domiciliar, impactando negativamente no consumo das famílias que apresentou um crescimento bem modesto no último trimestre do ano.

Em relação ao quarto trimestre de 2020, o PIB cresceu 1,6%. Nessa base de comparação o PIB cresceu todos os trimestres, embora de maneira decrescente a partir do segundo semestre quando atingiu o pico, taxa de expansão de 12,3%.

Pelo lado da produção, apenas o setor de serviços registrou resultado positivo de 3,3%, a agropecuária e a indústria recuaram 0,8% e 1,3%, respectivamente, devido à colheita que foi mais concentrada nos dois primeiros trimestres do ano. Também houve efeito do clima adverso, que prejudicou o plantio e a produtividade em várias culturas. A indústria de transformação, de maior peso na indústria, puxou o setor com queda de 6,9%. O resultado de serviços (3,3%), terceira taxa positiva do ano, é atribuído ao processo de reabertura e aumento da mobilidade das pessoas e das atividades de contato pessoal e presencial.

Todos os componentes da demanda cresceram ainda reflexo das quedas de 2020, ou seja, da base de comparação deprimida, principalmente consumo das famílias e do governo:

consumo das famílias (2,1%) Consumo do Governo (2,8%), exportações (3,3%) e formação bruta de capital fixo (3,4%).

O PIB encerrou o ano com crescimento de 4,6%, totalizando R\$ 8,7 trilhões. Esse avanço recuperou a queda de 2020, em razão da pandemia, de 3,9%. Os resultados mais uma vez, nessa comparação, seja pelo lado da produção ou da demanda, foram positivos. Apenas a agropecuária teve uma leve queda de 0,2%, já que vem de uma base de comparação muito alta, em razão de que foi a atividade que mais cresceu no período de pandemia. O destaque do PIB foi o crescimento dos serviços (4,7%), puxado por outras atividades, que reúnem diversos serviços prestados às famílias pela mudança de menos bens e mais serviços. Os investimentos se destacaram mais uma vez, crescendo 17,2%.

Pelo lado da produção, o crescimento da economia foi puxado pelas altas nos serviços (4,7%) e na indústria (4,5%), que juntos representam 90% do PIB do país. Por outro lado, a agropecuária recuou 0,2% no ano passado.

Todos os componentes da demanda avançaram em 2021, ao contrário do que aconteceu em 2020, contribuindo positivamente para o crescimento do PIB. O consumo das famílias avançou 3,6% e o do governo subiu 2,0%. No ano anterior, esses componentes haviam recuado 5,4% e 4,5%, respectivamente. A Formação Bruta de Capital Fixo avançou 17,2%, favorecidos pela construção (9,7%) e pela produção interna de bens, contribuindo para a elevação da taxa de investimento que subiu de 16,6% para 19,2%, a maior desde 2014.

A balança comercial de bens e serviços registrou alta de 12,4% nas importações e de 5,8% nas exportações. Em 2020, tinham recuado 9,8% e 1,8%, respectivamente. "Como a economia aqueceu, o país importou mais do que exportou, o que gerou esse déficit na balança de bens e serviços. A demanda externa ficou negativa em 1,0%, isso puxou o PIB um pouco para baixo," explica Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.

Para 2022, o cenário para a atividade é pouco animador. O primeiro trimestre foi, em parte, comprometido pela nova variante *Ômicron* que cancelou a principal festa desse período, o carnaval, reduzindo a demanda pelos serviços de contato pessoal e presencial. Os juros neste ano serão bem superiores aos que vigoraram em 2021, devido ao forte ciclo de alta da Selic promovido pelo Banco Central, para combater uma inflação que se mostra resistente e disseminada.

As previsões apontam para uma taxa Selic acima de 12%, embora a inflação que poderia ser reduzida, com a eclosão da guerra entre a Rússia e a Ucrânia elevou a incerteza na economia global e jogou para cima os preços de commodities, aumentando as pressões inflacionárias

no Brasil e no mundo. Por fim, 2022 é um ano de eleições presidenciais, num quadro marcado por dúvidas sobre como será a política fiscal a partir do ano que vem.

Segundo dados divulgados pelo FMI, no relatório Panorama Econômico Mundial (WEO, em inglês), o Brasil deve crescer apenas 0,3% em 2022, bem menor do que havia sido anunciado em outubro, quando apontava crescimento de 1,5%. Para 2023, o FMI projeta saldo positivo de 1,6% na economia, número 0,4 ponto percentual menor do que a projeção divulgada em outubro de 2021.

Os economistas do FMI não precisaram as razões do baixo crescimento econômico do Brasil. No entanto, apontaram que o menor crescimento da China, junto à alta inflação no mercado interno e a pandemia são alguns dos principais motivos.

Portanto, as perspectivas não são favoráveis, dado a política monetária contracionista e a incerteza quanto à duração da guerra na Ucrânia. O crescimento de 2022 ficará abaixo de 1,0%, com chances crescentes de uma estagnação. A política de renda básica de R\$ 400 proposta pelo governo é sem dúvida importante, mas não suficiente para as reais necessidades dos brasileiros mais vulneráveis.

A expansão sustentada da renda per capita, ou seja, da produtividade, que cresceu 3,9% o ano passado, após queda de 4,6%, depende essencialmente de uma retomada dos investimentos (públicos e privados) em infraestrutura e desenvolvimento tecnológico, acompanhada do resgate e do fortalecimento das potencialidades industriais que ficaram evidentes dada a crise dos fertilizantes em razão da guerra Rússia-Ucrânia. Portanto, as decisões tomadas em 2022 sejam econômicas e/ou políticas terão reflexos sobre a vida dos brasileiros durante toda a terceira década do século XXI.

ESTADUAL

Com base nos dados das pesquisas mensais do IBGE, sistematizadas e analisadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a atividade econômica da Bahia apresentou uma desaceleração no quarto trimestre, com exceção do setor de serviços.

A indústria geral (transformação e extrativa) apresentou resultados negativos no quarto trimestre e no ano, na comparação com 2020, com quedas de 11,8% e 13,2%, respectivamente, registrando quatro trimestres consecutivos de queda. As atividades de Produtos derivados de petróleo (-18,1%) e Veículos automotores (94,9%), impulsionadas, em grande parte, pela menor fabricação de automóveis, foram as principais responsáveis pela retração da indústria de transformação na Bahia em 2021.

As vendas no comércio varejista recuaram 12,6% no quarto trimestre, no ano o setor apresentou resultado de apenas, 0,6%. O crescimento modesto em 2021 pode ser atribuído em parte a segunda onda da Covid-19, no primeiro semestre, mas outros fatores contribuíram para essa retração. O aumento da inflação, que em setembro atingiu 10,25% em 12 meses, a elevação da taxa Selic, o desemprego ainda alto e o cenário de incerteza diante da proximidade de uma crise energética, afetando a confiança do consumidor.

O setor de serviços, o mais afetado pelas medidas adotadas para controlar a disseminação da Covid-19, a partir de abril voltou a recuperar as perdas com a flexibilização das atividades do setor, crescendo três trimestres consecutivos em relação a 2020. No quarto trimestre, o crescimento desacelerou para 3,0%, impactado pelo surgimento da variante Ômicron e o cancelamento das festas de fim de ano.

As medidas de reabertura e flexibilização foram extremamente positivas, principalmente para as atividades de alojamento e alimentação que se encontravam fechadas e voltaram a funcionar de maneira gradual já impactando o nível de atividade do setor que passou o ano inteiro de 2020 no campo negativo. O desempenho da atividade de Serviços prestados às famílias (58,1%), no quarto trimestre comprova quanto o setor foi prejudicado pela pandemia no ano passado.

No acumulado do ano, o setor de serviços cresceu 8,9%, com quatro atividades apresentando crescimento e apenas Outros serviços (8,6%) no campo negativo, em razão do desempenho negativo do setor industrial.

A agricultura mais uma vez registrou novo recorde na safra de grãos, conforme Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), relativo a dezembro, com a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas, na Bahia, em 10,5 milhões de toneladas em 2021, o que representa aumento de 4,4% na comparação com a safra 2020 – que foi o melhor resultado da série histórica da pesquisa.

As exportações baianas, impulsionadas pelo avanço dos preços, pela retomada da atividade econômica no mundo, sobretudo no segundo e terceiro trimestre com o arrefecimento da pandemia tiveram o maior valor da sua série histórica, alcançando US\$ 9,9 bilhões, com crescimento de 26,3% ante o ano de 2020. Os preços tiveram alta de 30,6% frente ao mesmo período do ano passado, contra uma queda de 3,3% no volume embarcado (quantum).

As Importações totalizaram US\$ 8,05 bilhões com incremento de 62,0% em comparação com o ano anterior, mais que o dobro do aumento das exportações, recuperando as perdas de 2020. O forte crescimento das importações aconteceu, sobretudo, no quarto trimestre,

fortalecidas pelo aumento das compras de combustíveis em 93,8%, comparadas a 2020. No acumulado do ano, as compras da categoria registraram aumento de 269,0% sobre 2020.

Com esses resultados das exportações e importações, a balança comercial da Bahia em 2021 fechou superavitária em US\$ 1,85 bilhão, resultado 35,6% inferior ao do ano passado, devido ao aumento maior das importações.

A China se manteve como o principal parceiro comercial da Bahia, respondendo por 28,3% das exportações baianas, seguido pelos Estados Unidos (11,8%) e Singapura (10,6%). Esses três países respondem por mais da metade das exportações baianas. A Ásia comprou quase metade dos bens exportados pela Bahia (49,3%), embora a fatia da região tenha tido um pequeno declínio no ano passado.

Com base nos dados do Novo Caged, a Bahia liderou a geração de emprego no Nordeste em 2021, com a criação de 133.779 novos postos de trabalho com carteira assinada – aumento de 7,99% em relação ao total de vínculos celetistas no início do ano. Entre as unidades da Federação, situou-se na 7ª colocação.

Os dados referentes aos saldos de empregos distribuídos no estado, no acumulado no ano de 2021, constata-se a abertura de postos de trabalho com carteira assinada na Região Metropolitana de Salvador (40.963 postos) e no interior (92.816 postos), correspondendo a 30,6% e 60,4%, respectivamente.

As pesquisas mensais, referentes ao quarto trimestre mostraram resultados negativos para a indústria geral e comércio varejista. O bom desempenho dos serviços, diante da redução dos casos de Covid-19, e a consequente flexibilização das atividades de contato presencial, juntamente com a agropecuária foram responsáveis pelo crescimento do PIB da Bahia no quarto trimestre.

Na comparação com o quarto trimestre do ano passado, o PIB cresceu 3,2%. O setor de serviços e a agropecuária foram responsáveis por essa taxa com expansão de 4,6% e 10,0%, respectivamente. Na comparação com ajuste sazonal (4º trimestre de 2021 em comparação com o 3º trimestre de 2021), o resultado foi negativo em 0,7%.

O PIB baiano de 2021 registrou expansão de 4,1% em relação ao ano de 2020. Pelo lado da produção, a Agropecuária cresceu 8,1%, a Indústria caiu 1,1%, devido à retração expressiva da Indústria de transformação (-6,2%). Serviços, atividade com maior peso na economia baiana, foi o destaque com alta de 5,5%.

Em termos monetários, o PIB somou cerca de R\$ 347,9 bilhões, sendo R\$ 303,1 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 44,8 bilhões aos Impostos sobre produtos líquidos de subsídios. Em relação aos grandes setores, a Agropecuária apresentou Valor Adicionado de R\$ 36,6 bilhões, a Indústria, R\$ 71,3 bilhões, e os Serviços, R\$ 195,2 bilhões.

As projeções para o PIB da Bahia em 2022 sinalizam para uma taxa mais modesta do que a do ano passado, devido aos impactos causados pela nova variante do coronavírus, Ômicron, na atividade econômica no primeiro trimestre e a incerteza sobre a duração da guerra na Ucrânia.

Além do aumento dos juros, a inflação em alta, elevado desemprego e perda do poder de compra da população impedem a continuidade do crescimento no mesmo ritmo de 2021. Por fim, como 2022 é um ano de eleições, as expectativas quanto ao rumo da política econômica devem reduzir os investimentos e consumo, limitando o crescimento a partir do segundo semestre. Portanto, um ano muito difícil que vai exigir equilíbrio e serenidade dos condutores da economia para fazer essa travessia até 2023 sem traumas ou rupturas.

AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana
pedromarques@sei.ba.gov.br

Cenário nacional

Agricultura

Estiagem prolongada e geadas nos estados da região Centro-Sul do país foram responsáveis por reverter a expectativa de safra recorde de grãos no Brasil em 2021. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estimou o volume de produção de grãos em 252,7 milhões de toneladas (t) no ciclo 2020/2021, ficando 1,6% abaixo do observado na safra 2019/2020. As perdas foram provocadas pelos efeitos climáticos adversos, que atingiram principalmente as culturas de segunda safra, sobretudo a do milho.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também destacou os efeitos do clima sobre o resultados da produção nacional de cereais, oleaginosas e leguminosas¹ (grãos) em 2021, destacando que a 2ª safra de milho sofreu perda de produtividade em razão do plantio tardio e da escassez de chuvas durante o ciclo de desenvolvimento da cultura. Em razão disso, a instituição concluiu que, em 2021, a safra ficou estimada em 253,2 milhões de toneladas, 0,4% abaixo da produção de 2020.

Para 2022, apesar dos efeitos persistentes do fenômeno da La Niña, resultando em possível quebra das safras de milho e de soja, na região Centro-Sul do país, devido à estiagem, a Conab e o IBGE trabalham com a perspectiva de uma nova safra recorde de grãos².

Cenário Bahia

AGRICULTURA

A Bahia representou 4,1% do volume de produção de grãos no país em 2021. O estado alcançou nível recorde de produção pelo segundo ano consecutivo, beneficiado pelas condições climáticas e de mercado favoráveis, sobretudo, ao plantio e ao desenvolvimento da lavoura de soja da região oeste.

O décimo segundo e último Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA/IBGE), relativo a dezembro de 2021, estimou que a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas, na Bahia, chegou a 10,5 milhões de toneladas no ano passado, o que representa crescimento de 4,4% na comparação com a safra de 2020, até então o maior resultado da série histórica do levantamento.

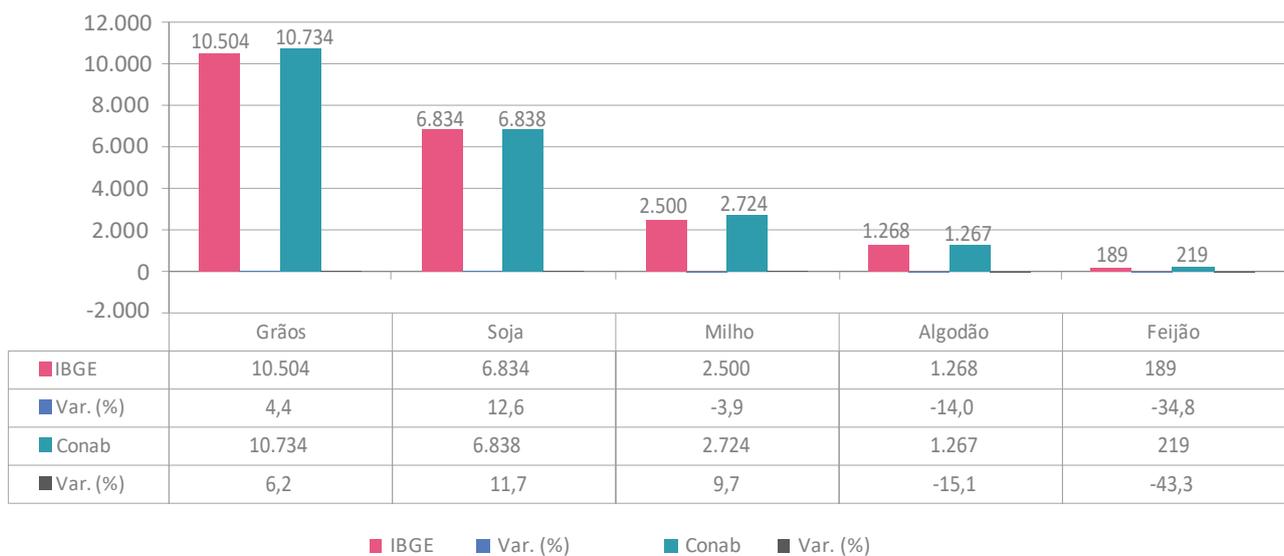
1 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

2 A Conab, no seu quinto levantamento para o ciclo 2021/2022, estima uma produção nacional de 268,2 milhões de toneladas de grãos. O IBGE, por sua vez, calcula que a safra de grãos possa alcançar 271,9 milhões de toneladas no território nacional.

Apesar do volume recorde de produção de grãos em termos agregados, com destaque positivo para a soja, que atingiu no período, sua máxima histórica; as demais culturas relevantes para o segmento tiveram níveis de produção inferiores aos de 2020, em razão de fatores climáticos adversos, no caso do milho, assim como os de mercado, no caso das lavouras de algodão e feijão.

Nas projeções do IBGE, as áreas plantada e colhida ficaram ambas estimadas em 3,2 milhões de hectares (ha), o que representou uma expansão de 2,6% na comparação anual. Dessa forma, a produtividade média estimada para a safra de grãos, no estado, foi de 3,28 t/ha, o que representa alta de 1,7% na mesma base de comparação.

Gráfico 1
Estimativas comparadas da safra de grãos
Bahia – 2021/2020



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2021) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.
 Nota: valores em mil toneladas.

Na mesma perspectiva de safra recorde, a Conab³ estimou que a produção baiana de grãos totalizou 10,7 milhões de toneladas na safra 2020/2021, o que significou uma expansão de 6,2% em relação ao ciclo 2019/2020. A área plantada total ficou estimada em 3,3 milhões de hectares, resultando numa variação positiva de 6,3% na mesma base de comparação.

³ Os dados levantados pela Conab seguem a temporalidade do calendário-safra, que vai de outubro do ano anterior a setembro do ano seguinte, diferentemente do IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

ALGODÃO

A cadeia global de produção do setor têxtil foi bastante impactada pela pandemia, sobretudo em 2020, quando a demanda e os preços das matérias-primas do setor caíram significativamente. Em razão disso, houve desestímulo para produção de algodão em 2021, o que explica a redução da área plantada e, conseqüentemente, da produção da fibra.

IBGE

A produção de algodão (caroço e pluma), em 2021, ficou em torno de 1,27 milhão de toneladas, o que correspondeu a uma queda de 14,0% na comparação anual, refletindo o recuo de 14,9% da área plantada (268 mil hectares) em relação a 2020.

Conab

A produção ficou projetada em 1,26 milhão de toneladas, recuo de 15,6% na comparação com a safra anterior. A área plantada ficou estimada em 267 mil hectares - 15,0% inferior à do ciclo passado.

Soja

A alta demanda pelo grão, o preço elevado e o câmbio desvalorizado estimularam o plantio da soja, que foi também beneficiado pelas condições climáticas favoráveis.

IBGE

Foram colhidos 6,8 milhões de toneladas de soja em 2021 – o melhor resultado da série histórica do levantamento –, o que correspondeu a uma alta de 12,6% em relação a 2020. A área plantada com a oleaginosa totalizou 1,7 milhão de hectares, que superou em 4,9% a de 2020, e o rendimento médio esperado da lavoura ficou em 4,0 t/ha.

Conab

Para a Conab, a produção de soja também alcançou o volume recorde de 6,8 milhões de toneladas, resultado que superou em 11,7% o da safra 2019/2020. A expansão da área plantada (5,0%) esteve associada ao bom nível de rentabilidade esperada pelos produtores.

MILHO

Apesar do avanço em área plantada e dos preços elevados no mercado interno, a safra do cereal, sobretudo a do período de inverno, sofreu efeitos da escassez de chuvas no período de plantio⁴.

⁴ Após a publicação do seu último levantamento para a safra 2020/2021, a Conab identificou uma terceira safra de milho no estado, o que provocou uma revisão de seus resultados. Ainda que a restrição hídrica tenha afetado negativamente o volume produzido; para a instituição, houve um resultado total positivo para o cereal no ciclo 2020/2021.

IBGE

As duas safras anuais de milho somaram 2,5 milhões de toneladas em 2021, o que correspondeu a uma retração de 3,9% na comparação anual. Com relação à área plantada (670 mil hectares), o IBGE apontou uma expansão de 7,5% sobre a de 2020. A estimativa da 1ª safra do cereal ficou em 1,9 milhão de toneladas (5,5% superior à de 2020). A 2ª safra ficou em 600 mil toneladas, que apresentou recuo de 25,0% em relação ao ano anterior.

Conab

Com revisão dos resultados, a Conab registrou que a produção de milho atingiu 2,7 milhões de toneladas em área plantada de 694 mil hectares. A inclusão de novos dados reverteu a estimativa de queda da produção que a instituição havia apresentado no último levantamento do ciclo 2020/2021. Com essa atualização, a safra baiana de milho superou em 9,7% a do ciclo 2019/2020.

Feijão

A má distribuição de chuvas, associada à baixa rentabilidade, são os principais determinantes do resultado da lavoura, cuja produção é predominantemente em área não irrigada (sequeiro).

IBGE

No ciclo que se encerrou em 2021, a produção de feijão totalizou 189 mil toneladas, o que implicou um recuo de 34,8% em relação a 2020. O levantamento revelou uma área de 417 mil hectares plantados, que foi 1,7% inferior àquela observada em 2020. A 1ª safra da leguminosa (103 mil toneladas) apresentou recuo de 24,2% em relação a 2020, e a 2ª safra (86,2 mil toneladas) teve variação negativa de 44,1% na mesma base de comparação.

Conab

A Conab registrou queda (-43,3%) da produção total (219 mil toneladas) de feijão. O recuo de área plantada (-3,9%) evidencia o desestímulo dos produtores, agravado pela distribuição irregular das chuvas. Com isso, a produção anual alcançou uma produtividade média de 516 kg/ha na temporada 2020/2021, 41,1% abaixo do verificado no ciclo anterior.

Outras lavouras permanentes e temporárias

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,5 milhões de toneladas, alta de 7,3% em relação à safra anterior. A estimativa da produção do cacau ficou projetada em 145,1 mil toneladas, o que representou um crescimento de 23,0% na comparação com 2020.

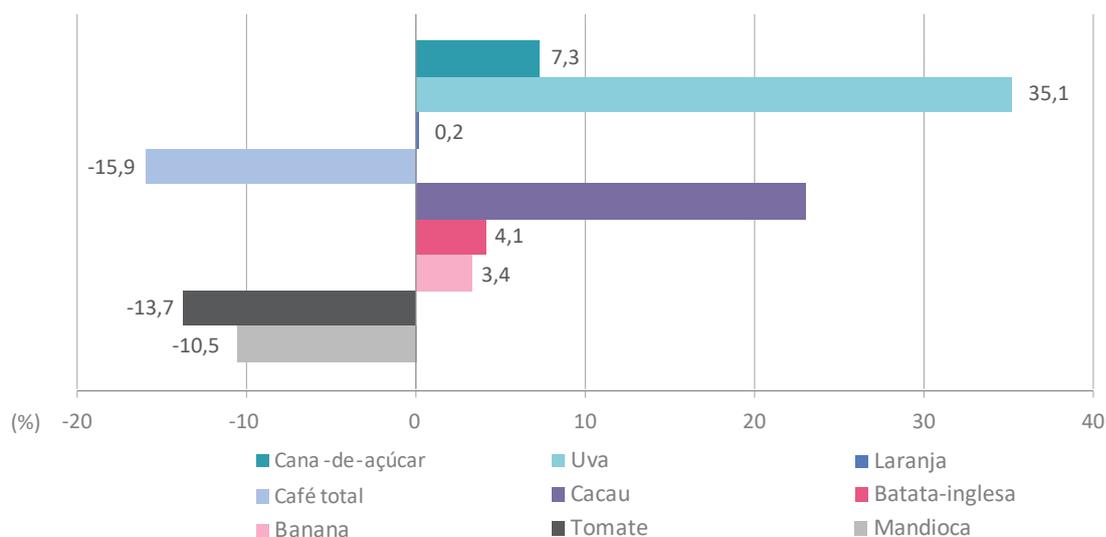
Em 2021, a produção de café ficou estimada em 207 mil toneladas, 15,9% abaixo da produção verificada no ano anterior⁵. A safra do tipo arábica ficou projetada em 74 mil toneladas, com

⁵ A safra de café, em 2021, passou pelo período característico deste tipo de lavoura denominado de bienalidade negativa.

variação anual negativa de 38,6%. Por outro lado, a safra do tipo *canéfora* ou conilon ficou estimada em 133 mil toneladas, o que corresponde a um aumento de 6,0% na mesma base de comparação.

Gráfico 2

Varição anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2021/2020



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Os resultados apontaram para o bom desempenho da produção de frutas no estado. As estimativas para as lavouras de banana (878,5 mil toneladas), laranja (634,3 mil toneladas) e uva (61,3 mil toneladas), por sua vez, registraram, respectivamente, variações positivas de 3,4%, 0,2% e 35,1%, em relação à safra anterior.

PERSPECTIVAS PARA A AGRICULTURA NA BAHIA EM 2022

IBGE

O IBGE estima que a produção de cereais, oleaginosas e leguminosas deve alcançar 10,6 milhões de toneladas em 2022, o que representa um ligeiro crescimento de 0,9% na comparação com a safra 2021. A área plantada e a colhida estão ambas estimadas em 3,3 milhões de hectares, o que corresponde, nas projeções da instituição, a uma expansão de 3,6% na comparação anual.

Dessa forma, o rendimento médio (3,2 t/ha) da lavoura de grãos no estado poderá ter uma queda de 2,6% na mesma base de comparação. O resultado está associado a uma possível

perda de produtividade da cultura da soja no ano corrente. O algodão, o milho e o feijão, por outro lado, apresentaram perspectivas mais positivas para a safra 2022.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estima produção de 5,6 milhões de toneladas, alta de 1,4% em relação à safra 2021. A estimativa da produção do cacau está projetada em 120 mil toneladas, o que representa uma queda de 17,3% na comparação com o ano anterior.

Em relação à produção do café, é esperada uma colheita de 224 mil toneladas este ano, 8,2% acima da observada no ano passado. As estimativas para as lavouras de banana (911,3 mil toneladas), laranja (653,5 mil toneladas) e uva (60,8 mil toneladas) registraram, respectivamente, variações de 3,7%, 3,0% e -0,8%, em relação à safra anterior.

Conab

Os dados Conab apontam para uma produção de 11,6 milhões de toneladas de grãos no ciclo 2021/2022, o que representa uma alta de 8,5% em relação ao ciclo 2020/2021. A área plantada total deve alcançar em torno de 3,4 milhões de hectares, superando em 4,8% a do ciclo anterior. O rendimento médio, por sua vez, está previsto em torno de 3,38 t/ha, 3,5% superior na mesma base de comparação.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

Com o avanço da vacinação e a maior circulação de pessoas houve aumento natural na demanda de determinados setores da indústria, sinalizando manutenção da tendência de recuperação da economia. Entretanto, fatores locais corroboraram para impedir o crescimento da indústria baiana ao longo deste ano. Nesse sentido, destaca-se como o maior impacto, o encerramento das atividades da indústria de veículos instalada no estado (Ford Camaçari), que além de reduzir a produção de veículos, também, afetou a produção de fornecedores de insumos locais e eliminou diversos postos de trabalho.

A produção de derivados de petróleo também contribuiu de forma negativa para o desempenho anual da indústria baiana. A refinaria local, que teve seu controle acionário transferido para o grupo Mubadala, apresentou queda na produção, devido, principalmente, à parada programada para manutenção no segundo trimestre do ano.

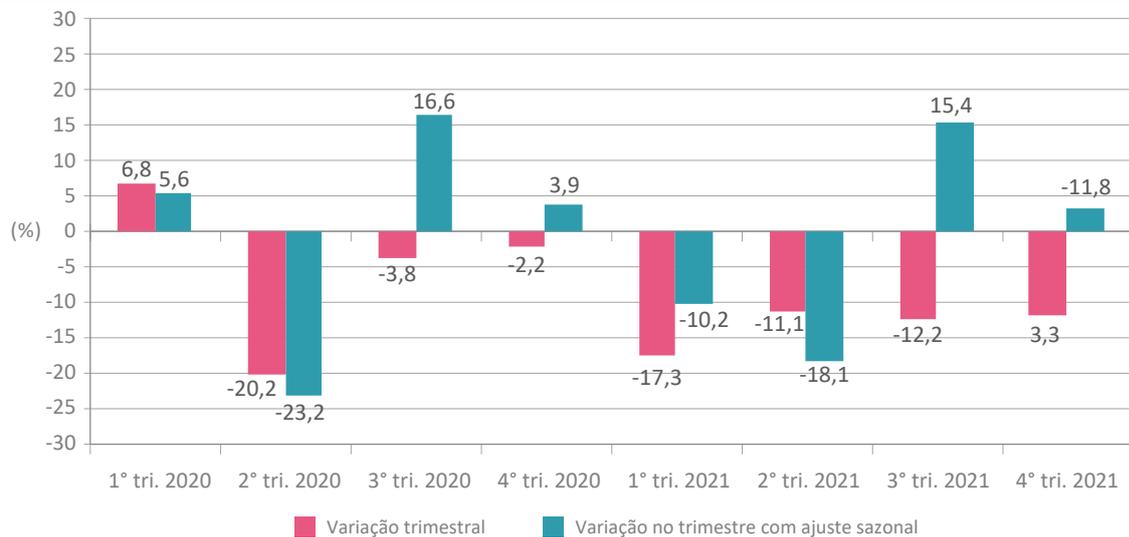
O indicador da produção física da indústria (extrativa e de transformação) baiana, com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁶, na série com ajuste sazonal, manteve crescimento entre o terceiro e quarto trimestres de 2021, passando de 15,4% para 3,3%, comparados com os trimestres exatamente anteriores, conforme dados ilustrados no Gráfico 1. Esse crescimento foi alavancado especialmente pelos setores de derivados de combustíveis, produtos químicos e extrativas.

Por sua vez, na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a indústria baiana registrou, no quarto trimestre, queda de 11,8%, 9,6 pontos percentuais (p.p.) abaixo da taxa observada no quarto trimestre de 2020, e 0,4 p.p. acima da taxa observada no terceiro trimestre de 2021 (Gráfico 1).

Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país caiu 5,8%, enquanto no terceiro trimestre a taxa foi de -1,1%, evidenciando uma intensificação da queda na atividade industrial no País, porém, mesmo com esses resultados negativos, a indústria brasileira cresceu 3,9% em 2021, isto porque, houve aumento de 13,0% no primeiro semestre do ano. Ressalta-se que os resultados positivos dos primeiros meses do ano tinham relação com uma base de comparação muito depreciada, já que em 2020 houve perdas bastante intensas para a indústria.

6 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, set. 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/229/pim_pfr_2021_set.pdf. Acesso em: 10/11/2021

Gráfico 1 Produção física industrial Bahia – 1º tri. 2020-3º tri. 2021



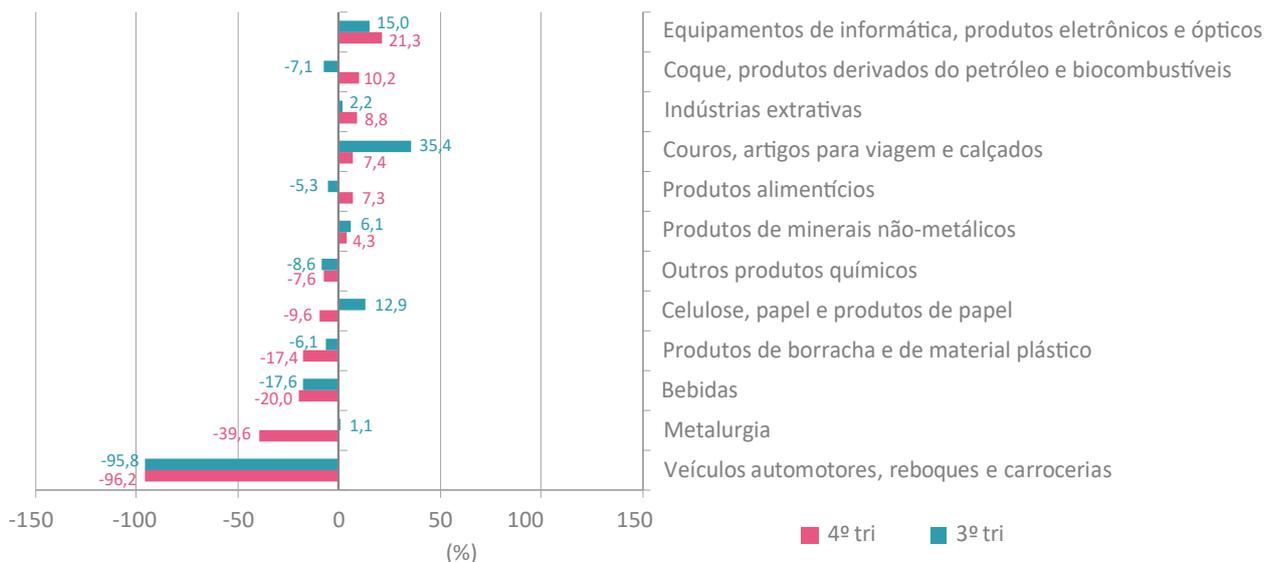
Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

Variação no trimestre em relação ao trimestre anterior.

Gráfico 2 Variações trimestrais por setores da indústria Bahia – 2º tri. 2021-3º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

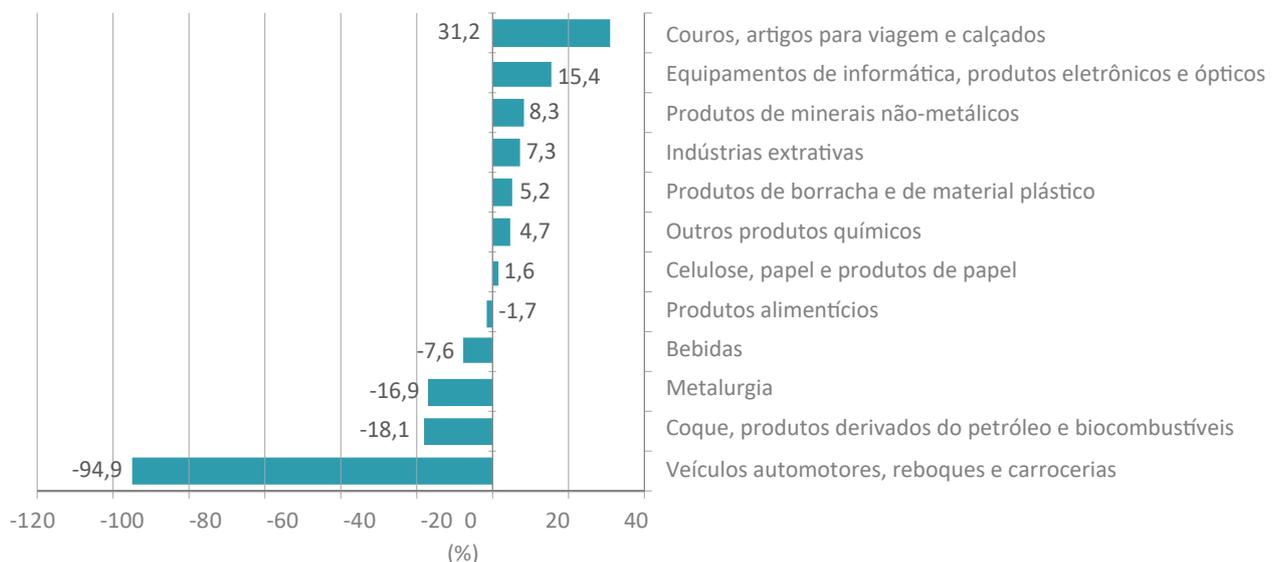
Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Na Bahia, a continuidade dos resultados negativos observados no total da produção industrial na passagem do terceiro para o quarto trimestre de 2021 foi explicada, principalmente pela perda de ritmo dos setores de Metalurgia, de 1,1% para -39,6%; Celulose, papel e produtos de papel, de 12,9% para -9,6%; Borracha e plástico, de -6,1% para -17,4%; e, Bebidas, de -17,6% para -20,0%. Porém, observou-se avanço em Derivados de petróleo, que passou de -7,1% para 10,2%; Produtos alimentícios, de -5,3% para 7,3%; e, Indústrias extrativas, de 2,2% para 8,8% (Gráfico 2).

A análise do desempenho das atividades da indústria evidencia os elementos para o declínio no ano de 2021. A maioria dos segmentos da indústria baiana registra aumento na produção, conforme dados ilustrados no Gráfico 3. Porém, aqueles que registraram recuo têm importante participação no valor da transformação industrial (49,9%)⁷, refletindo na forte queda da produção industrial no estado no período, com taxa de -13,2%.

Gráfico 3
Produção física da indústria por setores de atividade
Bahia – Jan.-set. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da indústria baiana tem-se, inicialmente, o setor Veículos que teve as atividades da unidade de produção local encerradas em janeiro de 2021. No acumulado do ano, a produção caiu 94,9%, com queda na fabricação de automóveis e peças para veículos. Segundo a montadora, na publicação Ford

⁷ Segundo dados do IBGE divulgados pela Pesquisa Industrial Anual de 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1849#resultado>. Acesso em: 16/11/2021.

Media Center de janeiro de 2021⁸, a decisão de encerrar a produção no estado foi motivada por processo de reestruturação global da empresa.

A indústria de Derivados de petróleo, impulsionada pela queda na produção de óleo combustível, óleo diesel e naftas para petroquímica apresentou a segunda maior contribuição para a taxa negativa da indústria baiana no período. Segundo relatório de produção e vendas da Petrobrás⁹, a principal refinaria instalada no estado teve parada programada para manutenção durante o segundo trimestre do ano, o que levou a impacto significativo na produção do setor no período, afetando o desempenho anual.

O setor Metalúrgico foi impactado, principalmente na produção de cobre com redução na produção de barras, perfis e vergalhões de cobre e de ligas de cobre. Simultaneamente, a produção anual da indústria metalúrgica baiana foi afetada pelo encerramento das atividades de unidade fabril de ferroligas de manganês, localizada em Simões Filho, que ocorreu em fins de 2020, de acordo com o divulgado pela empresa Vale¹⁰.

A indústria de alimentos que registrou queda no primeiro semestre, com taxa de -3,9% apresentou leve recuperação no último trimestre com aumento de 7,3%, mas apesar disso acumulou no ano decréscimo de 1,7%. O desempenho no último trimestre foi influenciado pela retomada da economia mundial e pelos preços favoráveis no mercado internacional. No ano, a indústria de alimentos baiana teve queda, principalmente, na produção de farinha de trigo, óleo de soja refinado e açúcar cristal.

A indústria de Bebidas, que teve aumento de 7,2% no primeiro semestre, comparada ao mesmo período do ano anterior. Apresentou declínio de 18,9% no segundo semestre, acumulando, no ano, queda de 7,6%, impactada pela redução na produção de cervejas, chopes e refrigerantes.

A principal contribuição positiva para o acumulado no ano veio da indústria de Couro e calçados, um dos setores mais afetados da indústria baiana durante a pandemia, com encerramento de atividades por algumas empresas e demissão de vários funcionários. Porém, a abertura do varejo físico a partir do segundo semestre de 2020 foi fundamental para a recuperação

8 FORD MEDIA CENTER. Ford avança na reestruturação da América do Sul, encerra as operações de manufatura no Brasil e atende clientes com nova linha de produtos. Disponível em: <https://media.ford.com/content/fordmedia/fsa/br/pt/news/2021/01/11/ford-avanca-na-reestruturacao-da-america-do-sul--encerra-as-oper.html>. Acesso em: 11 jan. 2021.

9 PETROBRAS. Relatório de produção e vendas. 3º trimestre. Disponível em: <https://www.investidorpetrobras.com.br/resultados-e-comunicados/comunicados-ao-mercado/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

10 VALE. Vale informa que encerrará a operação de ferroligas da Vale Manganês, em Simões Filho. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/news/Paginas/vale-informa-que-encerrara-a-operacao-de-ferroligas-da-vale-manganes-em-simoes-filho.aspx>. Acesso em: 19 nov. 2020.

gradual do setor. Em 2021, o setor manteve o crescimento observado no último trimestre de 2020, e alcançou, no ano, taxa de 31,2%. O aumento no setor deu-se principalmente pelo crescimento na produção de fabricação de tênis de material sintético, calçados moldados de borracha e calçados femininos de plástico moldado.

O setor de Produtos químicos apresentou aumento de 4,7% no ano, atribuído, principalmente, ao crescimento na produção de acrilonitrila, princípios ativos para herbicidas, propeno não saturado e etileno não saturado.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com aumento de 5,2% no ano, teve o desempenho influenciado, principalmente pelo aumento na produção de pneus novos para automóveis, caminhões e ônibus e borracha misturada não vulcanizada.

A produção de Minerais não metálicos, acumula no ano aumento de 8,3%, porém a produção desse setor vem desacelerando, impactada pela retração na atividade de construção, devido aos elevados custos dos insumos utilizados pelo setor. No ano, houve aumento, principalmente, na fabricação de ladrilhos, placas e azulejos de cerâmica esmaltados, elementos para construção civil de cimento ou concreto, massa de concreto e cimentos "Portland".

A produção de Celulose e papel passa por uma fase de acomodação após o segmento ter sido bastante demandado na pandemia, visto que houve ampliação na demanda por insumos utilizados na confecção de materiais descartáveis e de prevenção ao contágio da doença (como aventais, guardanapos e toalhas de mão, por exemplo). Ainda assim, o setor obteve crescimento no primeiro e segundo semestres, com taxas de, respectivamente, 1,8% e 1,3%, acumulando acréscimo de 1,6% no ano, favorecido pelos bons preços dos produtos no mercado internacional (especialmente na Europa)¹¹ e no mercado interno, principalmente no ramo de papéis, graças ao retorno mais intenso das atividades presenciais.

A indústria Extrativa, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, cresceu 7,3% no ano de 2021, principalmente em decorrência do aumento na produção de magnésia, outros óxidos de magnésio e carbonato de magnésio natural; gás natural; pedras britadas; e minérios de cobre em bruto ou beneficiado.

Diante do exposto, alguns fatores devem contribuir negativamente para o desempenho da produção industrial baiana no próximo ano. Nesse sentido pode-se destacar a escassez e o encarecimento dos insumos para algumas indústrias, fato que já vem ocorrendo desde 2021, e que desencadeia atrasos em toda a cadeia produtiva.

11 BACHA, C.J.C. Efeitos do pós-pandemia: preços de celulose e papéis apresentam comportamentos distintos em diferentes mercados em setembro e outubro de 2021. Disponível em: http://www.revistaopapel.org.br/noticia-anexos/1634993957_a0303339a6f310a806f024c3e379c9b5_1681895593.pdf. Acesso em: 16/11/2021.

Outro fator, diz respeito à queda da massa de salários real, impactada pela elevada taxa de desemprego, aumento da inflação e redução dos recursos do auxílio emergencial para a população de baixa renda, o que pode acarretar na retração da demanda por produtos industrializados. Também, o aumento nas taxas de juros, que encarecem o crédito, provocam aperto monetário e conseqüentemente perda no poder de compra o que também afeta a demanda por produtos industriais.

Não obstante, tem-se a ausência de investimentos no setor, que deve ser afetada em 2022, tanto por conta do baixo nível de confiança dos empresários como pelo elemento de incerteza das eleições de 2022.

Por fim, o elemento positivo para a recuperação da indústria baiana em 2022 está relacionado à demanda externa para os países asiáticos, parte da Europa e Estados Unidos, que pode contribuir no sentido de impulsionar o crescimento da demanda mundial. Assim como o aumento nos preços de determinadas commodities (principalmente as agrícolas) que favorecem a competitividade de parte do setor produtivo local. Segmentos como de papel e celulose, alimentício, metais e minerais são os que têm presença mais forte no mercado internacional e podem se beneficiar de vendas externas.

COMÉRCIO VAREJISTA

Elissandra Alves de Brito

elissandra@sei.ba.gov.br

O comportamento do comércio varejista em 2021 sugere que o setor tem enfrentado dificuldades para retomar o caminho de recuperação. Nas diversas modalidades de comparação, seja ela trimestral, anual ou mensal se constata que o varejo não recuperou a sua trajetória pré-pandemia. O volume de vendas do setor no último trimestre do ano de 2021 em relação a igual período de 2019 foi negativo em 13,3%.

Quando comparado a 2020, ainda numa análise trimestral, o volume de vendas em 2021 registrou taxas negativas, com exceção do segundo trimestre que em função de um efeito base apresentou crescimento de 27,0%. A explicação para essa expansão registrada é que no ano de 2020 no igual trimestre em questão foram adotadas as medidas mais severas de isolamento social para conter a disseminação do coronavírus no país.

No quarto trimestre, seja na avaliação sem e com ajuste sazonal, as taxas registradas mostraram intensificação na retração dos negócios. De acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em relação a igual período de 2020 a queda nas vendas no último trimestre de 2021 foi de 13,6%. Na análise com ajuste sazonal, o recuo foi de 6,7% (GRÁFICO 1). Nessas mesmas bases de comparação, o varejo nacional apresentou taxas negativas de 4,6% e de 2,1%, respectivamente.

Gráfico 1

Volume de vendas do comércio varejista

Bahia – 1º tri. 2020-3º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

O comportamento negativo revela que o setor ainda sente os impactos das ações adotadas para evitar a propagação do vírus, mas também da retração na atividade econômica. Na comparação interanual, frente a igual período do ano passado, as vendas no quarto trimestre são explicadas por um cenário adverso, marcado pelo comprometimento da renda orçamentária dos consumidores, dado a alta dos juros, além do encarecimento dos alimentos, aluguéis, energia, combustíveis e aumento no endividamento das famílias. Atrelada a essa situação, houve à chegada da Ômicron, nova variante da Covid-19, o surto de casos de gripe provocado pelo vírus Influenza H3N2 na capital baiana e as enchentes decorrentes do excesso de chuvas que atingiram alguns municípios do estado no último mês do ano de 2021. Assim, em 2021 a combinação de fatores como a inflação, desemprego elevados, além dos riscos quanto aos impactos da terceira onda de disseminação do coronavírus corroboraram para a manutenção de um cenário de incertezas quanto à direção da atividade econômica no país.

Como resultado, na análise por atividade, verifica-se que o comportamento das vendas no quarto trimestre foi influenciado negativamente por seis dos segmentos que compõem o setor, são eles: *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (-6,3%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-10,9%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-11,3%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-14,1%), *Combustíveis e lubrificantes* (-18,5%), e *Móveis e eletrodomésticos* (-37,8%). Os resultados positivos ficaram por conta de *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (7,2%), e *Tecidos, vestuário e calçados* (1,4%). No que diz respeito aos subgrupos, verificam-se que as vendas de *Eletrodomésticos, Móveis, e Hipermercados e supermercados* recuaram em 39,4%, 34,6%, e 11,8%, respectivamente (GRÁFICO 2).

No varejo restrito, as maiores influências negativas no quarto trimestre vieram de *Móveis e eletrodomésticos, Combustíveis e lubrificantes, e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*. As incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica nos próximos meses, os aumentos recorrentes nos preços dos combustíveis e a nova fase de contaminação pela Covid-19 comprometeram as vendas nesses segmentos.

No cenário de adoção de política monetária restritiva com alta de juros e inflação elevada, os negócios de *Móveis e eletrodomésticos, e Combustíveis e lubrificantes* registraram retrações mensais em suas vendas desde julho e agosto de 2021, respectivamente. A perda do poder aquisitivo dos consumidores, num cenário de elevação de desemprego leva os consumidores a realizarem mudanças de hábitos. A utilização de transportes alternativos como Uber ou até mesmo transportes públicos passou a ser opção dos consumidores, assim como a seletividade nos gastos com os bens que não são de primeira necessidade.

Gráfico 2

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – jan-set. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

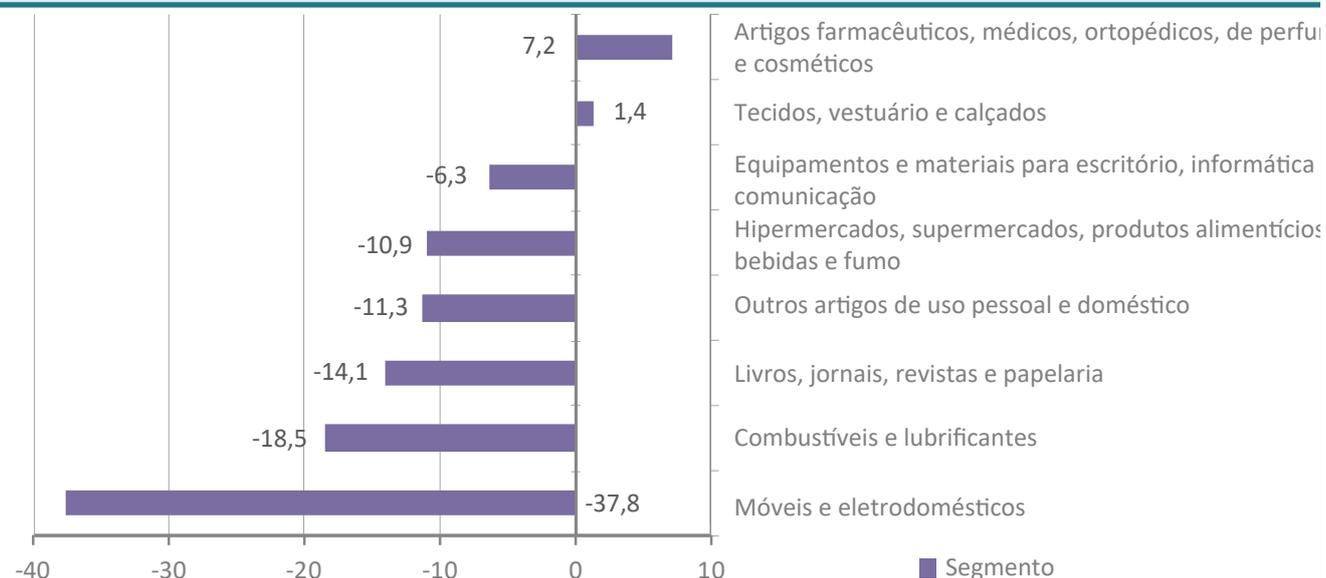
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista e que comercializa bens de primeira necessidade têm na inflação e na elevação do desemprego os seus maiores entraves para o aquecimento dos negócios na atividade. A restrição orçamentária interfere na estratégia utilizada pelo consumidor de realizar o processo de substituição de bens, passando a efetivar a redução de produtos nas cestas de bens adquiridas.

Na análise mensal, quando observamos o comportamento das vendas durante o ano de 2021 é possível perceber uma mudança de trajetória a partir do mês de agosto, registrando em dezembro retração de 12,9%, em relação a igual mês do ano passado (GRÁFICO 3). Esse desempenho revela que os fatores impulsionadores do varejo no final de 2020 não se mantiveram com a mesma intensidade em 2021, como o auxílio emergencial, que nos primeiros meses de sua implantação assumiu fundamental importância para sustentar a dinâmica no setor do comércio. Numa análise geral do varejo, observa-se que os aquecimentos das vendas registrados nos meses de abril a julho deram lugar à perda de ritmo nos meses de agosto a dezembro de 2021.

Gráfico 3

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – 3º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

No acumulado do ano, o varejo restrito registrou recuo nas vendas de 0,6%. Esse resultado foi influenciado pelo comportamento dos segmentos *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-22,1%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-9,5%), *Móveis e eletrodomésticos* (-7,0%), e *Combustíveis e lubrificantes* (-1,6%). Os resultados positivos ficaram por conta de *Tecidos, vestuário e calçados* (24,3%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (12,8%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (11,0%), e *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (5,2%). No que diz respeito aos subgrupos, verificam-se que as vendas de *Hipermercados e supermercados*, *Móveis*, e *Eletrodomésticos* recuaram 9,5%, 9,3% e 5,7%, respectivamente (Tabela 1).

O segmento de *Tecidos, vestuário e calçados* registrou a maior taxa positiva do varejo restrito em 2021. O seu comportamento chama à atenção, pois no ápice da pandemia, esse ramo foi o mais atingido com as medidas de isolamento social, o que confirma que a atividade voltou a sua normalidade. A trajetória dos segmentos *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* e *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* também são alvo de análise. O primeiro em razão dos sucessivos recuos registrados (nov/20-dez/21) e o segundo devido as suas constantes taxas positivas (jun/20-dez/21). O segmento *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*

registrou em dezembro o crescimento de 14,9% em razão do aumento pela procura por medicamentos que elevam a imunidade dos consumidores dado a nova onda da Covid-19 e do surto de casos gripais.

Tabela 1

**Volume de vendas do comércio varejista – no acumulado do ano
Bahia – 2021(1)**

Atividade	(%)
Comércio Varejista	-0,6
1 - Combustíveis e lubrificantes	-1,6
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-9,5
2.1 - Hipermercados e supermercados	-9,5
3 - Tecidos, vestuário e calçados	24,3
4 - Móveis e eletrodomésticos	-7,0
4.1 - Móveis	-9,3
4.2 - Eletrodomésticos	-5,7
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	12,8
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	5,2
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-22,1
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	11,0
Comércio Varejista Ampliado(2)	7,3
9 - Veículos, motos, partes e peças	43,6
10 - Material de construção	-11,1

Elaboração: SEI/CAC.

Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

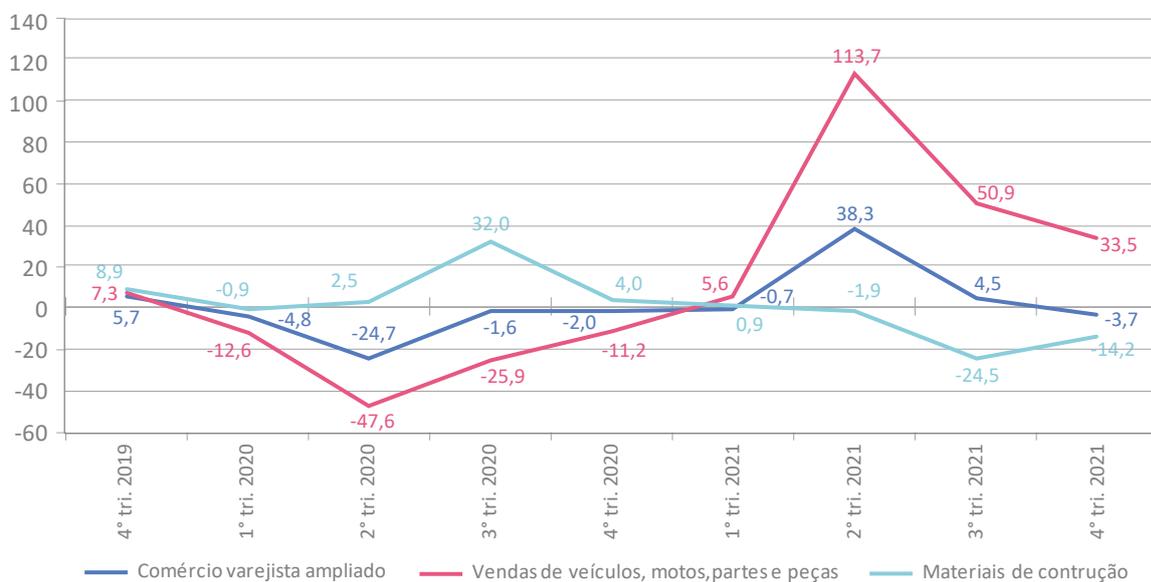
No quarto trimestre, o comércio varejista ampliado, que inclui o varejo e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção* recuou 3,7%, em relação a igual trimestre do ano anterior. Esse resultado foi influenciado pelo comportamento de *Material de construção* que retraiu as suas vendas em 14,2%. Em contrapartida, o segmento de *Veículos, motos, partes e peças* cresceu as suas vendas em 33,5% (GRÁFICO 4). Em igual comparação, as taxas no país foram negativas no ampliado (-4,2%) e nos dois segmentos que o compõem *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção* em 0,7%, e 9,0%, respectivamente.

Na análise de acumulado do ano, as vendas no comércio varejista ampliado cresceram no estado baiano em 7,3% em relação a igual período do ano passado, conforme expresso na Tabela 1. Essa taxa apesar de positiva representa uma perda de ritmo nas vendas mensais ocorridas a partir do mês de maio/21.

Gráfico 4

Volume de vendas do comércio varejista ampliado

Bahia – 3º tri. 2019-3º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação trimestral.

Nesse período, o comportamento de *Veículos, motos, partes e peças*, refletindo um efeito estatístico, registrou taxas mensais de crescimento expressivo desde março/21 (45,4%), perdendo o ritmo no último mês do ano (26,1%). Fortemente influenciada pelo crédito, apesar das incertezas do momento, essa atividade manteve o crescimento nas vendas, dado a prática dos consumidores de trocarem de veículos, principalmente no final de ano. Para a análise do acumulado do ano a taxa foi positiva em 43,6%.

O segmento de *Material de construção* influenciado pela liberação do auxílio emergencial, flexibilização das medidas de isolamento social na época e uma demanda reprimida em jun/2020 chegou a expandir suas vendas em 42,1%, em relação a igual mês de 2019. Já em 2021, a partir de junho as taxas registradas pela atividade são negativas em função de um efeito estatístico, mas também da perda de poder aquisitivo do consumidor, dado a elevação da taxa de juros, inflação e desemprego. Em dezembro/21 comparado ao mesmo mês de 2020 o recuo nas vendas da atividade foi de 17,8%. Como resultado, no acumulado do ano essa atividade registrou retração de 11,1% nas vendas.

Assim sendo, as expectativas para o comércio varejista no ano de 2022 dependerá do comportamento de algumas variáveis como a inflação, taxa de juros, desemprego e

endividamento das famílias, bem como o reflexo para a economia brasileira do conflito Rússia e Ucrânia, além do que será um ano eleitoral, o que promoverá uma nova dinâmica no mercado. Para o primeiro trimestre o setor deverá continuar com as suas vendas comprometidas, levando em consideração que o encarecimento do crédito segue numa escala crescente.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), apurada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) no mês de fevereiro de 2022 o percentual de famílias que relataram ter dívidas a vencer alcançou 76,6%, igual nível apurado em dezembro de 2021, superando a proporção de endividados há um ano (66,7%). Assim, a perspectiva no que se refere ao setor de comércio varejista é que as incertezas quanto ao cenário econômico bem como o elevado endividamento das famílias continuarão influenciando os consumidores a se manterem cautelosos em relação à realização de novos gastos, o que deverá comprometer as vendas no varejo.

SERVIÇOS

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 4º trimestre do ano anterior, marcou crescimento de 3,0%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (28,5%). Essa é a terceira taxa positiva, para esse tipo de comparação. A variação também contribuiu positivamente no resultado nacional, que expandiu 9,4% (Gráfico 1).

Gráfico 1

Volume de serviços(1)(2)

Bahia – 1º tri.-4º tri. 2020/1º tri - 3º tri. 2021



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Duas das cinco atividades puxaram o volume de serviços baiano para cima, com destaque para o segmento de Serviços prestados às famílias¹² (51,8%), que apontou a variação **positiva mais expressiva**, seguida pela atividade de Serviços profissionais, administrativos

¹² Inclui os seguintes serviços: atividades artísticas, criativas e de espetáculos; atividades esportivas, de recreação e lazer (exceto clubes); lavanderias, tinturarias e toalheiros; cabeleiros e outras atividades de tratamento de beleza; atividades funerárias e serviços relacionados; outros serviços pessoais (clínicas de estética, serviços de alojamento, higiene e adestramento de animais domésticos, serviços de engraxates e carregadores de malas etc.); atividades de apoio à educação e serviços de educação continuada (cursos de idiomas, de ensino de esportes, arte e cultura, cursos preparatórios para concursos etc.).

e complementares (10,0%). Em sentido oposto, as atividades que recuaram foram Outros serviços¹³ (-34,8%), seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-5,9%), depois Serviços de informação e comunicação (-0,8%).

O volume de serviços na Bahia, no acumulado do ano de 2021, avançou 9,8% em relação ao mesmo período do ano anterior, invertendo a tendência de retração iniciada em 2015. Esse resultado é a maior variação já registrada em toda série histórica iniciada 2011, para esse tipo de comparação e contribuiu positivamente, no índice nacional, que cresceu 10,9%. Seguindo a mesma análise, todas as atividades puxaram o volume de serviços da Bahia para cima, com destaque, em termos de variações mais expressivas, para as atividades de Serviços prestados às famílias (49,6%), que apontou a mais expressiva variação positiva. Essa atividade também apresentou resultado superior àquele observado no mesmo período do ano anterior (-39,8%), seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (10,4%), que também registrou variação positiva significativa. A atividade de Serviços profissionais, administrativos e complementares ampliou 5,9%, e Serviços de informação e comunicação contabilizou estabilidade relativa (0,1%). Apenas Outros serviços (-8,6%) marcou queda.

Nessa análise, a receita nominal baiana seguiu o mesmo comportamento do volume, e expandiu 14,0%, com destaque para as atividades de Serviços prestados às famílias (50,0%), que apontou a mais expressiva variação positiva, seguida por Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (15,0%), depois Serviços profissionais, administrativos e complementares (10,8%) e Serviços de informação e comunicação (3,1%). Apenas Outros serviços (-5,6%) contabilizou queda.

Quanto aos resultados registrados no volume de serviços por unidades da Federação, no acumulado de 2021, na comparação com igual período de 2020, todas as unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (10,9%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Roraima (20,7%), seguida por Alagoas (18,5%), Tocantins (17,7%), Acre (16,2%) e Santa Catarina (14,7%). Nessa comparação, a Bahia (9,8%) contabilizou a décima variação positiva menos expressiva entre as unidades da Federação.

Seguindo a mesma análise, os resultados registrados na receita nominal de serviços por unidades da Federação, no acumulado de 2021 na comparação com igual período de 2020, mostram que todas as unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional, que cresceu 14,1%. As variações mais expressivas, em termos regionais, ocorreram em Roraima (24,1%), Tocantins (20,6%), Alagoas (20,2%), Acre (19,2%) e Santa Catarina (18,2%). Nessa

¹³ Inclui os seguintes serviços: atividades imobiliárias (intermediação, gestão e administração de imóveis próprios e de terceiros); serviços de manutenção e reparação; serviços auxiliares financeiros; serviços auxiliares da agricultura; serviços de esgoto e serviços de coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

comparação, a Bahia (14,0%) contabilizou a décima primeira variação positiva menos expressiva entre as unidades da Federação.

É importante destacar, que o setor de serviços foi impactado pelas medidas de contenção à Covid-19 na Bahia, mas, ainda assim, os resultados apresentados pela Pesquisa de Serviços do IBGE foram de expansão. Cabe lembrar, que todas às atividades tanto no volume quanto na receita nominal marcaram retração no ano de 2020, devido à pandemia, não esquecendo o efeito base nos resultados de 2021. Ao observar o resultado apresentado pelo Índice de Confiança de Serviços (ICS), do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre), a expectativa é de desaceleração para o setor de serviços nos meses subsequentes, conforme a última pesquisa disponível feita pela fundação.

O Índice de Confiança de Serviços (ICS), do FGV Ibre, caiu 2,0 pontos em fevereiro, para 89,2 pontos, menor nível desde maio de 2021 (88,1 pontos). Esse é o quarto mês consecutivo de queda, gerando uma perda de 9,9 pontos no período. Em médias móveis trimestrais, o índice mantém a tendência de queda ao recuar 2,5 pontos. “Em fevereiro, a confiança de serviços manteve a trajetória descendente iniciada no final de 2021. A queda no mês ocorreu tanto pela piora da percepção sobre o volume de serviços no mês quanto pela redução de expectativas para os próximos meses. A desaceleração no ritmo de recuperação foi influenciada pelo surto de Covid, ainda que com restrições mais brandas. Para os próximos meses, as expectativas não são muito favoráveis, dado que o cenário macroeconômico tende a se manter negativo no curto prazo, com inflação resiliente, juros em alta e confiança dos consumidores em patamar baixo”, avaliou Rodolpho Tobler, economista do FGV Ibre.

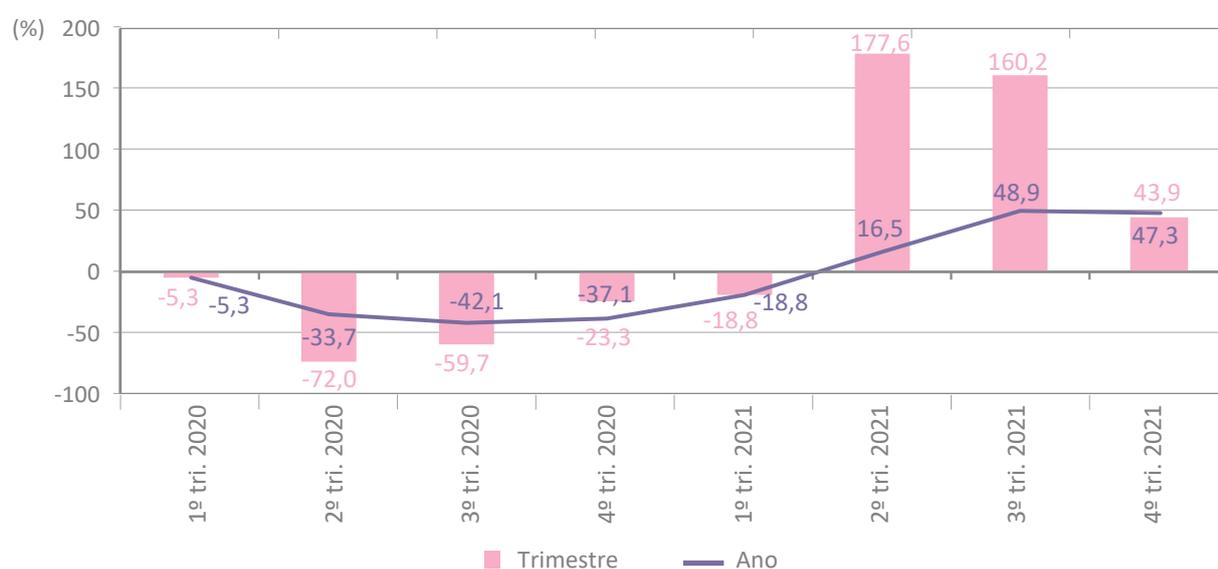
Nos últimos meses, além da queda na confiança, o saldo do emprego previsto tem sinalizado perda de força no ritmo de recuperação, registrando também quatro quedas consecutivas em médias móveis trimestrais. O saldo corresponde ao percentual das empresas que planejam aumentar seu quadro de funcionários nos próximos meses descontado do percentual de empresários que planejam reduzir. Em fevereiro, o saldo atingiu 9,7 pontos, queda de 5,0 pontos nos últimos quatro meses (FGV).

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas¹⁴ na Bahia, quando comparado com o 4º trimestre do ano anterior, marcou expansão de 43,9%, mantendo a aceleração iniciada no 2º trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a terceira taxa positiva, para esse tipo de comparação, e a terceira variação positiva mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011. Cabe ressaltar, que apesar do efeito base, em que contabilizou a variação negativa mais expressiva no ano passado (-23,3%), a taxa deste trimestre é superior em 43,1 p.p em relação ao mesmo trimestre de 2019 (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas (1)(2)
Bahia – 1º tri.-4º tri. 2020/1º tri.-3º tri. 2021



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

¹⁴ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil expandiu 27,6% no acumulado do quarto trimestre, frente a igual período do ano anterior. Todas as unidades investigadas avançaram, com destaque para o Rio Grande do Sul (46,4%), Minas Gerais (44,7%) e Bahia (43,9%). Em relação à receita nominal, todas as 12 unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento, com evidência para o Rio Grande do Sul (62,9%) e a Bahia (60,3%), que marcaram as variações positivas mais expressivas.

O agregado especial de atividades turísticas no Brasil cresceu 21,1%, no acumulado do ano de 2021, frente a igual período do ano anterior, impulsionado, sobretudo, pelos ramos de transporte aéreo; hotéis; restaurantes; rodoviário coletivo de passageiros; e locação de automóveis. Houve altas nos 12 locais investigados, com destaque para Bahia (47,3%), Pernambuco (40,9%) e Rio Grande do Sul (39,0%). Em relação à receita nominal, todas as unidades marcaram o mesmo ritmo de crescimento – nessa comparação, a Bahia (47,8%) apontou a primeira variação positiva mais expressiva.

Seguindo a mesma tendência das atividades turísticas, confirmando o bom desempenho do setor, segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no quarto trimestre de 2021, na Bahia, o setor de turismo incorporou 7.918 novos postos de trabalho com carteira assinada. O referido resultado decorreu da diferença entre 18.216 admissões e 10.298 desligamentos. No conjunto dos meses de outubro a dezembro do ano de 2020, o saldo também havia sido positivo, porém em magnitude ligeiramente maior, com a formalização de 7.927 novos vínculos celetistas naquele ínterim.

No quarto trimestre de 2021, a maioria dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo exibiu saldo positivo. No referido intervalo, os maiores saldos despontaram em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (+3.851 vagas) e *Hotéis e similares* (+2.735 postos). Por outro lado, *Transporte por navegação de travessia* (-37 vagas), *Criação artística* (-6 postos) e *Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares* (-2 postos) foram aqueles com os piores resultados e os únicos com mais desligamentos do que admissões.

No acumulado de janeiro a dezembro de 2021, o saldo de empregos formais do setor de turismo baiano também se revelou positivo, indicando uma geração líquida de 12.487 postos de trabalho, decorrente de 52.186 admissões e 39.699 desligamentos. Um cenário, portanto, muito melhor do que o observado no conjunto dos 12 meses do ano de 2020, quando o referido setor registrou uma perda líquida de 17.972 vagas de trabalho em território baiano. Dos subsetores econômicos do turismo, *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de*

alimentação e bebidas e *Hotéis e similares* foram os de maiores expansões no ano de 2021, com mais 6.082 e 4.284 novos vínculos, respectivamente. Enquanto isso, *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com Itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional*, com eliminação de 206 postos, foi o subsetor com menor saldo no mencionado período.

Conforme os dados da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia (Setur), a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem na capital baiana foi de 66,5% no 4º trimestre de 2021. Esse resultado ficou acima 17,0 p.p. da taxa contabilizada no mesmo trimestre do ano anterior (49,5%), e abaixo 0,6 p.p. em relação a 2019. Conforme os dados da Setur, a taxa média de ocupação dos meios de hospedagem na capital baiana no acumulado do ano de 2021 foi de 48,7%. Esse resultado ficou acima 9,6 p.p. da taxa média contabilizada no mesmo período do ano anterior, e abaixo 14,2 p.p. em relação a 2019. No mês de dezembro foram consultados 50 estabelecimentos, com 100% de respondentes, dentre os quais 8,0% informaram fechamento do estabelecimento comercial.

É importante destacar, que o setor do turismo foi impactado, pelas medidas de contenção à Covid-19 na Bahia, mas, ainda assim, os resultados apresentados pela Pesquisa de Serviços do IBGE foram de expansão. Todas às atividades tanto no volume quanto na receita nominal marcaram retração no ano de 2020, devido à pandemia. Assim, deve-se levar em consideração o efeito base nos resultados de 2021. Ao observar o resultado apresentado pelo Índice de Confiança de Serviços (ICS), do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre), a expectativa é de desaceleração para o setor de turismo nos meses subsequentes. A suspensão do carnaval no Brasil e das festas populares na Bahia impactará fortemente o setor do turismo no primeiro trimestre de 2022. Com isso, estimular a inovação no país é fundamental para impulsionar a recuperação e o desenvolvimento do setor de Turismo, sobretudo, no cenário pós-pandemia.

Neste contexto, com apoio dos ministérios do Turismo e da Ciência, Tecnologia e Inovações e da Câmara do Turismo 4.0, a Smart Tour Brasil – startup que atua na área de tecnologia – promoverá, uma série de lives semanais que buscarão dar visibilidade às iniciativas já existentes no país e inspirar novas ações de transformação do setor. A ideia é que essas ações ganhem projeção nacional e reforcem a importância de inovações tecnológicas no setor de Turismo. A CEO da Smart Tour Brasil, Jucelha Carvalho, explica que as transmissões serão focadas em reconhecer e valorizar a criatividade e inovação em todas as esferas de governo, academias, startups e empresas. “Vamos promover um bate-papo com os responsáveis por essas iniciativas selecionadas, que apresentarão seus projetos, desafios e benefícios de sua implementação. Nossa expectativa é que participem também nomes referências do turismo brasileiro para agregar diferentes visões sobre os projetos”, complementou (MTur).

O setor de turismo deixou de faturar R\$ 214 bilhões em 2021 por causa da pandemia, segundo estimativa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Considerando o período entre fevereiro de 2020 e dezembro de 2021, a perda acumulada chega a R\$ 473,7 bilhões. Considerando o prejuízo total de R\$ 473,7 bilhões do turismo no período da pandemia, mais da metade (56%) vêm dos Estados de São Paulo (R\$ 205,2 bilhões) e do Rio de Janeiro (R\$ 59,2 bilhões). Para 2022, a estimativa da CNC é de que o turismo tenha um crescimento mais modesto, de 1,7%, o que significa que ainda não será possível recuperar a queda de 2020. Para o setor de serviços como um todo, a estimativa da CNC é que haja uma queda de 0,8% em 2022, após a perda de 7,8% de 2020 e a taxa recorde de 10,9% em 2021. A projeção considera um crescimento fraco da economia brasileira, com inflação alta e crédito mais caro (Valor econômico).

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Thiago Lima de Souza Bartolomeu
thiagobartolomeu@sei.ba.gov.br

Marcus Vinícius Souza P. dos Santos
marcussantos@sei.ba.gov.br

Os deslocamentos causados pela Covid-19 revelaram a fragilidade da economia global na sua dimensão física, ou seja, nos fluxos de mercadorias ao redor do globo. Tivemos rupturas tanto na oferta, com os obstáculos causados pelas quarentenas, quanto na demanda, na medida em que hábitos de consumo mudaram. Esses deslocamentos tiveram forte impacto sobre a infraestrutura do comércio global, portos, navios, contêineres.

A Agência da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad) divulgou estudo prevendo que o comércio internacional de bens e serviços deverá ter alcançado US\$ 28 trilhões em 2021, num aumento de 11% em relação aos níveis de antes da pandemia de Covid. Mas alertou que o surgimento de novas variantes afetaria as perspectivas das exportações e importações para 2022.

A tendência positiva nas trocas internacionais em 2021 foi resultado da forte retomada da demanda na esteira dos confinamentos da pandemia, pacotes de estímulos econômicos e alta importante nos preços das commodities. Mas vários fatores mantêm pressão sobre o comércio exterior para 2022. Após forte recuperação econômica no primeiro semestre de 2021, houve uma desaceleração no segundo semestre. Em particular, o crescimento da China, segunda maior economia do mundo e principal parceiro comercial do Brasil e da Bahia, como também de muitos outros países, foi menor do que o esperado e mais baixo ainda comparado a trimestres anteriores. E isso geralmente sinaliza baixa no comércio mundial.

A Unctad menciona também riscos relacionados às persistentes disrupções nas cadeias de abastecimento e o preço elevado do transporte marítimo; a escassez global de semicondutores; fatores geopolíticos; políticas governamentais que sinalizam mais protecionismo; e também o peso da dívida em vários países, com riscos de instabilidade financeira e mais pressões inflacionárias. Segundo a Unctad, em 2021, o valor do comércio global de bens e serviços deve ter um aumento de US\$ 5,2 trilhões, ante 2020, e de US\$ 2,8 trilhões, comparado a 2019, representando altas de 23% e de 11%, respectivamente.

A evolução da Covid-19 e sua mais recente variante, a Ômicron, e a reversão dos enormes estímulos monetários e fiscais nos países desenvolvidos determinarão a dinâmica do

crescimento global. Reincidências violentas do coronavírus e um erro no ritmo de aperto monetário nos Estados Unidos poderão levar o mundo a crescer bem menos do que o previsto. A China terá o menor crescimento em décadas, em 2022, e as economias desenvolvidas terão um papel quase igual ao dos países emergentes em garantir um crescimento global estimado em 4,9%, o que também é inédito na história recente. Os chineses são os maiores compradores de commodities do Brasil e da Bahia e, salvo mudanças inesperadas na oferta e nos estoques, seus preços deverão ser menos atraentes do que foram em 2021.

Favorecido pela desvalorização cambial e elevação de preços médios nos embarques, o índice de rentabilidade do total das exportações brasileiras subiu 3,3% em 2021, na comparação com 2020, segundo dados da Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (Funcex). O ganho, porém, veio concentrado e puxado por setores importantes na pauta exportadora, como extração de petróleo e gás, de minerais metálicos e de agricultura e pecuária. Em 20 dos 29 setores de atividade que fazem parte do levantamento da Funcex houve recuo de rentabilidade. Os dados mostram a dificuldade que boa parte da indústria de transformação teve em repassar o aumento de custos de produção na exportação, o que levou à redução de margens. Para 2022, a perspectiva é de desafios ainda maiores.

Basicamente, o ganho de rentabilidade no total das exportações no ano passado resultou de desvalorização de 4,6% na taxa de câmbio nominal em 2021, na comparação com o ano anterior. A isso foi acrescido o efeito da elevação de 29,5% nos preços médios de exportação. No agregado dos embarques essa combinação compensou o aumento de 31,3% no custo de produção, o que levou ao ganho de rentabilidade.

Para 2022, a previsão é de um cenário de desafio. Com a perspectiva atual de que as cadeias globais de suprimento e de produção se recomponham no decorrer de 2022, de forma gradativa, a pressão de custos deve se manter, ao mesmo tempo em que, no cenário doméstico, espera-se um câmbio oscilante dado as incertezas políticas e fiscais. Além de tudo isso, deve-se considerar que há ainda questões imponderáveis da pandemia, como eventuais efeitos desconhecidos da Ômicron.

Apesar do desempenho positivo em 2021 para o comércio exterior baiano, esses resultados não devem ser considerados como tendência. O ano de 2022 terá exportações também beneficiadas por preços de commodities relativamente altos, mesmo com acomodações, como soja e minerais, e por importações impactadas por demanda doméstica baixa, ainda que pressionada por inflação global e demanda por itens do grupo da energia.

Tabela 1
Balança comercial - Bahia
Jan. - Dez. 2020/2021

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %
	2020	2021	
Exportações	7.838.202	9.944.648	26,87
Importações	4.971.197	8.053.546	62,00
Saldo	2.867.005	1.891.102	-34,04
Corrente de comércio	12.809.399	17.998.193	40,51

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, dados coletados em 15/02/2022, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

O crescimento vertiginoso das importações nos últimos meses ainda deve continuar nos primeiros meses de 2022, devendo arrefecer ao longo do primeiro semestre, tanto pelo lado da demanda doméstica, já que a disseminação da Ômicron é fator de preocupação, como também pelo aperto monetário em curso e o panorama de incertezas, diante dos riscos fiscais e políticos, que devem se materializar em baixo dinamismo econômico, e que deve restringir as importações estaduais.

No balanço do ano, as exportações baianas encerraram 2021 com o maior resultado da sua série histórica, iniciada em 2012, alcançando US\$ 9,9 bilhões, aumento de 26,9% sobre o ano passado. Esse resultado não surpreendeu e veio impulsionado pela retomada da atividade econômica no mundo, sobretudo no segundo e terceiro trimestres, que tiveram aumentos de 47,3% e 50,8% respectivamente, resultado do avanço da vacinação contra a Covid-19 e o arrefecimento temporário da pandemia. O desempenho positivo foi puxado pelos preços, que tiveram alta média de 30,6% frente ao mesmo período do ano passado, contra uma queda de 2,7% no volume embarcado (*quantum*), reflexo do crescente aumento de riscos já mencionados aqui e que ameaçam desacelerar a recuperação global.

Esse comportamento é ilustrativo do crescimento das vendas externas baianas no 4º trimestre, quando alcançaram incremento de 16,6%, bem menor que os dos dois trimestres anteriores, sempre comparados a iguais períodos de 2020. Mostrando que o pico da recuperação da economia mundial já ficou para trás, em dezembro, as vendas externas baianas atingiram US\$ 765 milhões, crescendo apenas 5% (diante de taxas de dois dígitos na maioria dos meses anteriores), enquanto que o volume embarcado ficou 18,5% menor, comparado a dezembro/20.

Gráfico 1

Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Exportações
Bahia/Brasil – 2020/2021

Fonte: Secex/MDIC.

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 10/02/2022.

O volume (quantum) total embarcado em 2021, como dito, ficou 2,7% inferior ao ano de 2020, evidenciando que o cenário positivo para as exportações em 2021 só foi possível devido a manutenção da alta no preço das commodities, da safra recorde, da recuperação global da economia, principalmente no segundo e terceiro trimestres, e ao câmbio desvalorizado.

As exportações do agronegócio baiano somaram US\$ 4,13 bilhões em 2021, um crescimento de 1,9% ante 2020. Liderando as vendas externas do estado, o setor teve pequeno avanço em relação ao ano anterior via aumento dos preços dos produtos embarcados – já que o quantum acusou redução de 13,2%. Por outro lado, houve aumento médio de 17,5% nos produtos vendidos do setor.

A soja e seus derivados, carro-chefe da pauta de exportações da Bahia e do agronegócio baiano, foi o destaque no ano. Aproveitando a boa disponibilidade e os problemas logísticos dos Estados Unidos, e do apetite chinês, as vendas do segmento da Bahia ao exterior cresceram 3,9% em volume, que chegou a 5,14 milhões de toneladas. Os preços também registraram elevação, de 34,8%, e essa combinação resultou em receita de US\$ 2,43 bilhões, 42,3% superior ao ano anterior. Como não poderia deixar de ser, a China liderou as compras da oleaginosa – absorveu 54% do valor total. Ao todo, o complexo soja (grãos, óleo e farelo) respondeu por 51,2% das exportações do agronegócio da Bahia em 2021 e de 24,5% do total das exportações baianas.

Tabela 2
Exportações baianas – principais segmentos
Jan. - dez. 2020/2021

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021			
Soja e Derivados	1.710.853	2.434.099	42,27	24,48	34,83
Químicos e Petroquímicos	786.907	1.315.890	67,22	13,23	57,37
Petróleo e Derivados	1.165.606	1.228.816	5,42	12,36	73,23
Papel e Celulose	1.007.884	1.028.041	-8,01	10,34	3,20
Metalúrgicos	239.026	747.425	212,70	7,52	18,33
Minerais	493.048	637.085	29,21	6,41	71,11
Algodão e Seus Subprodutos	567.746	608.698	7,21	6,12	12,71
Metais Preciosos	522.158	539.055	3,24	5,42	-43,84
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	275.972	227.449	-17,58	2,29	3,89
Cacau e Derivados	200.420	224.805	12,17	2,26	1,31
Demais Segmentos	191.512	206.870	8,02	2,08	-10,13
Total	677.070	746.415	10,24	7,51	170,71
	7.838.202	9.944.648	26,87	100,00	30,65

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 16/02/2022.

O setor químico/petroquímico ficou na vice-liderança das vendas externas baianas em 2021 com US\$ 1,32 bilhão e incremento de 67,2% ante 2020. O impulso nas receitas ocorreu via preços, que cresceu em média 57,4% no ano, na esteira da valorização do petróleo no mercado internacional, já que os embarques evoluíram muito abaixo das receitas: 6,3%, principalmente via aumento de compras do Mercosul.

As importações de produtos químicos foram recordes no ano passado - US\$ 1,19 bilhão, com aumento de 46,7% frente ao ano anterior, puxadas por fertilizantes, compostos químicos orgânicos, plásticos e produtos farmacêuticos. O polo baiano já comprovou que tem domínio técnico e expertise empresarial de produção de diversos itens que poderiam ter sua capacidade instalada aumentada ou voltarem a ser fabricados localmente, diminuindo a dependência externa em várias cadeias produtivas.

O setor de refino (petróleo e derivados) alcançou vendas de US\$ 1,23 bilhão, com crescimento de 5,4% sobre o ano de 2020. A Petrobrás, responsável pelas exportações do segmento, privatizou em 2021 a Refinaria Landulpho Alves-Mataripe (RLAM) para o fundo Mubadala, dos Emirados Árabes Unidos. O negócio, de US\$ 1,8 bilhão, foi o primeiro a ser concluído no âmbito do programa de desinvestimentos da estatal no refino. Com a conclusão da compra da RLAM pelo Mubadala Capital, a unidade voltará a se chamar Refinaria de Mataripe – nome original do empreendimento.

A Acelen, empresa criada para gerir a refinaria, informou à época que investirá na modernização e no aumento da produção da unidade e que Mataripe continuará a abastecer o mercado regional, prioritariamente a Bahia. O processo de privatização da refinaria impactou a produção de derivados, por conta de manutenções e paralisações no processo fabril, principalmente no último trimestre de 2021.

A Indústria de Transformação como um todo ampliou em 16,3% suas exportações no ano passado. A participação dessa categoria nas exportações baianas alcançou 62%. A Indústria Extrativa teve destaque no ano e apresentou crescimento de 212,7% nas exportações, com participação de 7,5% no total exportado pela Bahia.

A China se manteve como o principal parceiro comercial da Bahia, respondendo por 28,3% das exportações baianas em 2021 e por 14,8% das importações, o que perfaz uma participação de 22,1% na corrente de comércio do estado. A Ásia comprou quase metade dos bens exportados pela Bahia (49,5%), embora a fatia da região tenha tido um pequeno declínio no ano passado. A China foi seguida pelos Estados Unidos, com 21,4% da corrente de comércio, o que corresponde a 11,8% das exportações e de 33% das importações. Em terceiro lugar, bastante atrás, aparece Singapura (6%).

Assim, as exportações estaduais seguem concentradas em poucos países. Os cinco principais destinos foram responsáveis por 60,5% do valor total das exportações no período analisado, com destaque para o mercado principal, a China, (soja, celulose em pasta, sulfetos de minérios de cobre, algodão e minérios de níquel). Seguiram-se Estados Unidos (químicos, eletrogeradores de energia eólica, pneus, motores eletrogeradores e celulose), Singapura (óleo combustível), Argentina (fios de cobre, manteiga de cacau, químicos, cacau em pó) e Países Baixos (soja, celulose, químicos, óleo combustível e frutas).

IMPORTAÇÕES

A balança comercial da Bahia de 2021 terminou superavitária em US\$ 1,89 bilhão, resultado 34% inferior ao ano passado, devido ao aumento maior das importações, que totalizaram US\$ 8,05 bilhões com incremento de 62% em comparação com o ano anterior, mais que o dobro do aumento das exportações, recuperando o terreno perdido em 2020.

O forte crescimento das importações aconteceu, sobretudo, no quarto trimestre, fortalecidas pela retomada da atividade econômica e pelo aumento das compras de combustíveis em 93,8%, comparadas a 2020. No acumulado do ano, as compras da categoria registraram aumento de 269% sobre o ano anterior.

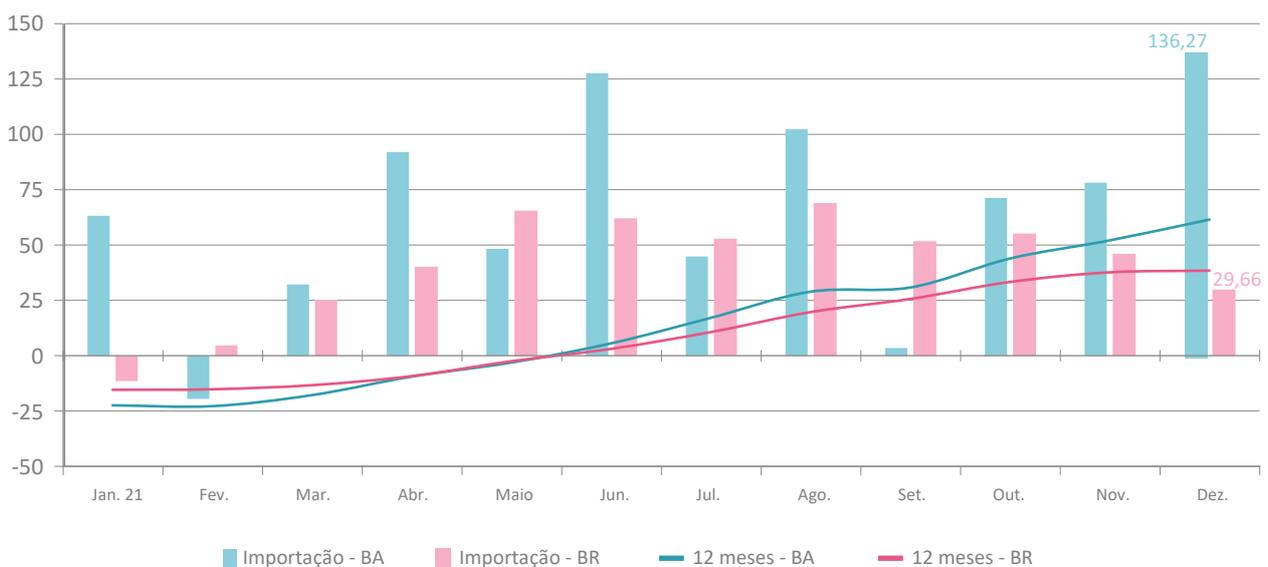
Apenas em dezembro, as importações somaram US\$ 1,01 bilhão, alta de 136,3% sobre o mesmo mês do ano passado. Esse aumento das compras externas refletiram em cheio os preços altos das commodities energéticas, entre outros itens, reflexo da crise hídrica que demandou volumes crescentes de compras de gás e óleo diesel e pela parada para manutenção e interrupções no segmento de refino, que provocou redução na produção do setor. Além desses fatores, gargalos logísticos e de produção que persistem no cenário global fizeram com que os preços médios em dólar das importações (fertilizantes, minerais e manufaturados) acelerassem a alta nos últimos meses, inclusive superando os do período pré-pandemia.

O movimento de alta concentrou-se em alguns segmentos, como combustíveis, trigo, adubos e fertilizantes, minérios, células solares, dentre outros. No ano, também há registro da compra de trilhos de aço, para a Ferrovia de Integração Oeste-Leste (Fiol), o que fez aumentar os desembolsos.

No acumulado do ano, o aumento do volume embarcado em 55,6% foi fator predominante para o crescimento vertiginoso das importações, que também acusou alta em seus preços, porém em menor magnitude: 4,1%, em média.

Gráfico 2

Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Importações Bahia/Brasil – 2020/2021



Fonte: Secex/MDIC.
Elaboração: SEI.
Dados coletados em 10/02/2022.

Mesmo com o déficit colhido nos últimos meses do ano, ainda assim, a balança comercial da Bahia acumulou em 2021 um superávit de US\$ 1,89 bilhão, queda de 34% em relação ao registrado em 2020, como consequência do aumento maior das importações que das exportações. A corrente de comércio atingiu US\$ 18 bilhões com crescimento de 40,5%.

Tabela 3
Importações baianas por categoria de uso
Jan. - set. 2020/2021

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Bens intermediários	1.269.544	4.684.399	268,98	58,17
Combustíveis e lubrificantes	2.693.988	2.665.255	-1,07	33,09
Bens de capital	783.231	483.427	-38,28	6,00
Bens de consumo duráveis	127.297	115.632	-9,16	1,44
Bens de consumo não duráveis	94.061	104.829	11,45	1,30
Bens não especificados anteriormente	3.076	4	-99,86	0,00
Total	4.971.197	8.053.546	62,00	100,00

Fonte: ME/SECINT/SECEX/SITEC, <http://comexstat.mdic.gov.br>.

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 15/02/2022.

Nota: importações efetivas, dados preliminares.

FINANÇAS PÚBLICAS

João Gabriel Vieira
joaovieira@sei.ba.gov.br

Poliana Peixinho
poliana@sei.ba.gov.br

Marília Jane Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

As decisões políticas sobre impostos e gastos públicos refletem intrinsecamente escolhas morais. Quanto do seu dinheiro suado é justo para o estado arrecadar através de impostos? Os ricos deveriam pagar mais? O Estado deve fornecer gratuitamente serviços públicos básicos, como educação e saúde, a todos os cidadãos? E assim por diante. Economistas e praticantes de finanças públicas têm tradicionalmente focado na eficiência econômica. Ao considerar questões distributivas, eles geralmente evitam considerações morais, talvez temendo que elas possam ser vistas como subjetivas. No entanto, trabalhos recentes de psicólogos morais evolucionários sugerem que as políticas podem ser melhor projetadas e obter um apoio mais amplo se os formuladores de políticas considerarem toda a gama de perspectivas morais sobre finanças públicas. Algumas aplicações empíricas pioneiras dessa abordagem no campo da economia mostraram-se promissoras (As informações são do FMI).

No Brasil, o avanço do calendário acelerou as preocupações quanto ao ritmo inflacionário e tornou manifesto as articulações para as eleições de 2022. Assim, a pauta do Congresso deixou de incorporar assuntos de natureza fiscal, como a questão dos precatórios e o teto de gastos e voltou todo o seu interesse para o processo de articulação política, tendo em vista o horizonte das eleições.

No que se refere ao desempenho do Produto Interno Bruto (PIB), os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que houve um crescimento de 4,6% (anual) o que sinaliza o fortalecimento do processo de retomada da economia pós-Covid-19. No entanto, os economistas são unânimes em apontar que trata-se de uma recuperação que não vai se sustentar, uma vez que o país continua com os tradicionais desafios de aumentar a produtividade, o emprego e conter as pressões inflacionárias. A arrecadação, seguindo o ritmo de crescimento da economia, apresentou um bom desempenho, o que possibilitou a presença de superávit primário do governo geral, o primeiro desde 2013.

No estado da Bahia, as repercussões dos eventos nacionais também se fazem sentir. Na dimensão do crescimento econômico, o PIB cresceu 4,1% (anual), o que sinaliza uma retomada na economia baiana. Os números do emprego formal também indicam essa tendência, sendo a Bahia o estado líder no acumulado do saldo de empregos formais no Nordeste. Assim, tendo

em vista a associação entre a economia e as finanças públicas, foi possível observar que o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) cresceu R\$ 6,2 bilhões em 2021, em relação ao mesmo período de 2020. Segundo informações dos técnicos da Secretaria da Fazenda (Sefaz-BA), esse aumento está concentrado no setor de petróleo. No que se refere ao desempenho do Fundo de Participação dos Estados (FPE), esse também foi de alta, quase R\$ 3 bilhões a mais em 2021, em relação ao mesmo período de 2020. Nesse caso, pode-se atribuir esse aumento a recomposição dos impostos que compõem a base desse fundo, que são o Imposto de Renda e o Imposto sobre Produtos Industrializados. Desse modo, os dois principais itens de receita do estado da Bahia apresentaram sensível melhora no exercício de 2021.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

PIB baiano fecha o ano 2021 com alta de 4,1%

O quarto trimestre cresce 3,2% e o sazonal tem queda de 0,7%.

Segundo os dados calculados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica – Produto Interno Bruto (PIB) – cresceu 3,2% no quarto trimestre de 2021 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (4º trimestre de 2021 em comparação com o 3º trimestre de 2021), o resultado foi negativo em 0,7%. No acumulado do ano (janeiro – dezembro), comparado com igual período de 2020, a economia baiana fechou em alta de 4,1%. Esse avanço representa uma recuperação das perdas do ano anterior quando a economia retraiu 3,4%.

Tabela 1
PIB trimestral
Bahia – 2021(1)

Períodos	Taxas (%)
4º tri 2021/4º tri 2020	3,2%
4º tri 2021/3º tri 2021 (sazonal)	-0,7%
Acumulado em 2021	4,1%

Fonte: SEI.

Nota: (1) dados sujeitos a retificação.

PIB em Valor Corrente

No 4º trimestre de 2021, o PIB baiano totalizou R\$ 84,7 bilhões, sendo que aproximadamente R\$ 72,2 bilhões são referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 12,5 bilhões, aos Impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a Agropecuária apresentou Valor Adicionado de R\$ 3,0 bilhões, a Indústria, R\$ 19,0 bilhões, e os Serviços, R\$ 50,2 bilhões.

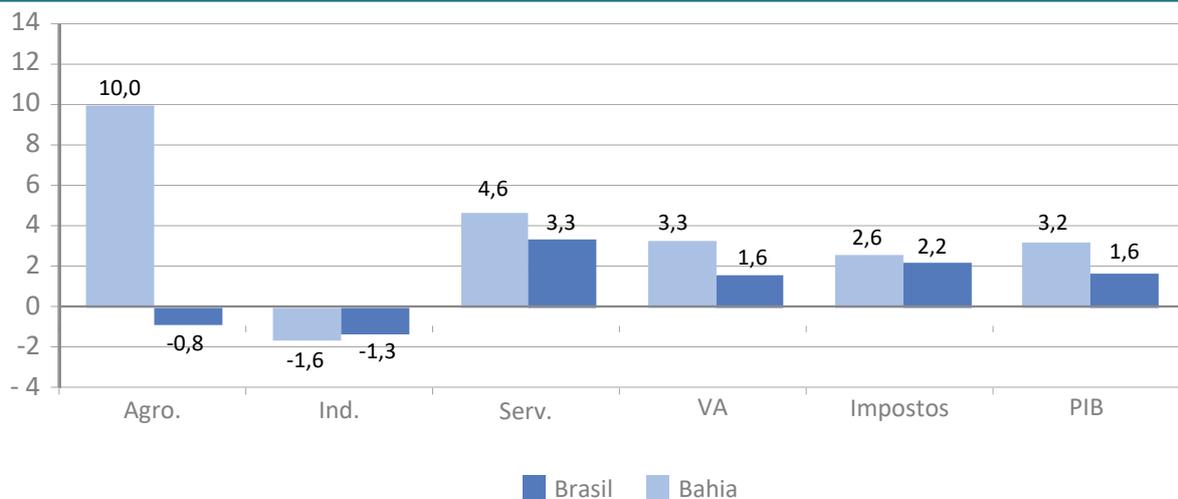
No acumulado do ano de 2021, o PIB totalizou aproximadamente R\$ 347,9 bilhões, sendo R\$ 303,1 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 44,8 bilhões,

Impostos sobre produtos líquidos de subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a Agropecuária apresentou Valor Adicionado de R\$ 36,6 bilhões, a Indústria, R\$ 71,3 bilhões, e os Serviços, R\$ 195,2 bilhões.

4º Trimestre 2021/ 4º Trimestre 2020

No quarto trimestre de 2021, quando comparado a igual período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou expansão de 3,2%, conforme dados calculados pela equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado apresentou variação positiva de 3,3%, e os Impostos sobre produtos líquidos de subsídios, alta de 2,6%. Além da base de comparação (4º trimestre do ano anterior) ser de queda, dois setores são responsáveis pelo resultado positivo da atividade econômica do estado: Agropecuária, com taxa positiva de 10,0%, e Serviços, com crescimento de 4,6%.

Gráfico 1
Variação das atividades do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 4º tri. 2021(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

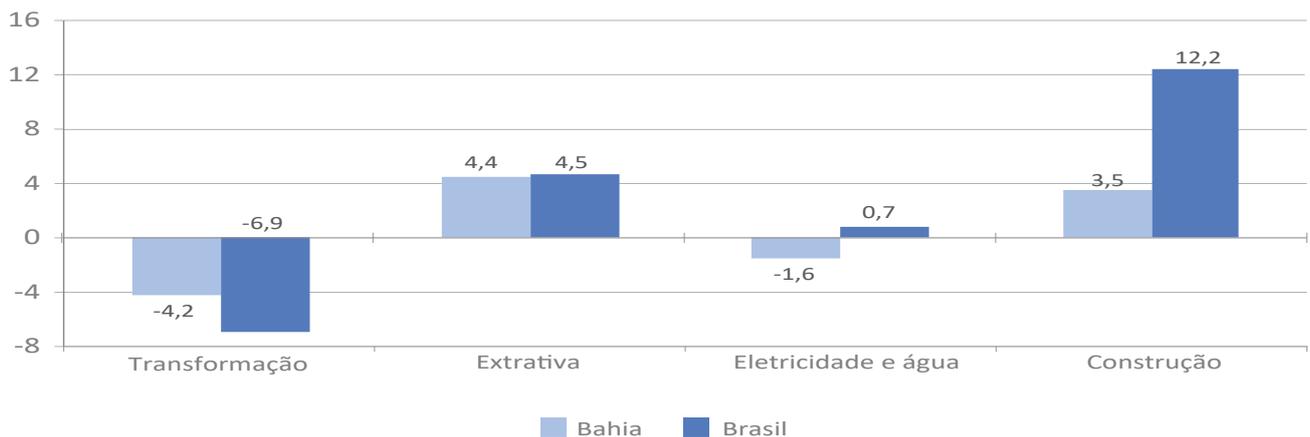
(2) Dados sujeitos a retificação.

O crescimento em volume do setor agropecuário baiano, no 4º trimestre do ano, foi de 10,0%. Destaques para as taxas de crescimento da Soja, Laranja, Lavouras permanentes e Produção florestal. Em contrapartida, a produção de Cereais, Algodão e Café registraram desempenho negativo no quarto trimestre.

A taxa do setor industrial da Bahia, no 4º trimestre, foi de -1,6%, único setor com taxa negativa nesse trimestre. A retração ficou por conta da atividade da Indústria de transformação (-4,2%) e Eletricidade e água (-1,6%). As altas foram identificadas nas atividades de Construção civil (+3,5%) e Indústrias extrativas (+4,4%).

O setor de Serviços registrou alta de 4,6% favorecida pela boa recuperação do Comércio (+4,1%) e da Administração pública (+3,8%), atividade com maior peso na economia baiana,

Gráfico 2
Varição das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 4º tri. 2021(1)



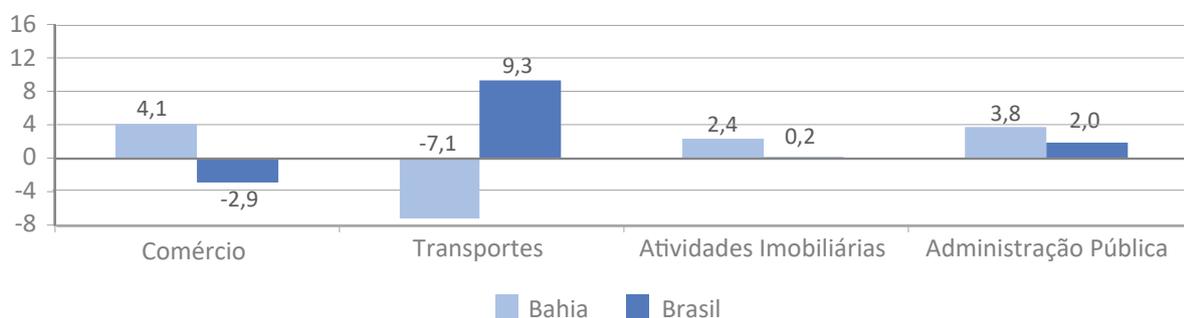
Elaboração: SEI/IBGE (2022).

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

além da taxa positiva nas Atividades imobiliárias (+2,4%). O recuo dessa vez ficou por conta dos Transportes (-7,1%). Destaca-se ainda o crescimento no grupo Outros Serviços¹⁵, com expansão de 9,9% no quarto trimestre de 2021.

Gráfico 3
Varição das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 4º tri. 2021(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

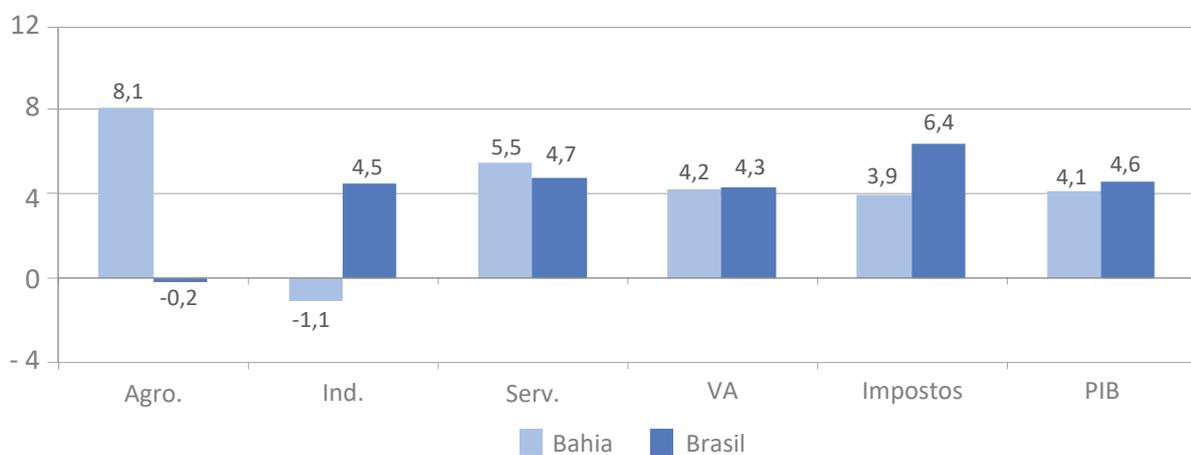
(2) Dados sujeitos a retificação.

¹⁵ Engloba as seguintes atividades: Serviços de alojamento e alimentação; Serviços de informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Educação e saúde mercantis; Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Serviços Domésticos.

Acumulado do ano (janeiro a dezembro - 2021)

O PIB baiano acumulado de janeiro a dezembro de 2021 registrou expansão de 4,1% (diante do registrado no mesmo período de 2020). O Valor Adicionado expandiu 4,2%, e os Impostos sobre produtos líquidos de subsídios, alta de 3,9%. A Agropecuária variou com alta de 8,1%, a Indústria caiu 1,1%, e os Serviços cresceram 5,5%. O destaque negativo no acumulado no ano ficou por conta do setor industrial, puxado pela acentuada queda da Indústria de transformação (-6,2%).

Gráfico 4
Variação das atividades do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 4º tri. 2021(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

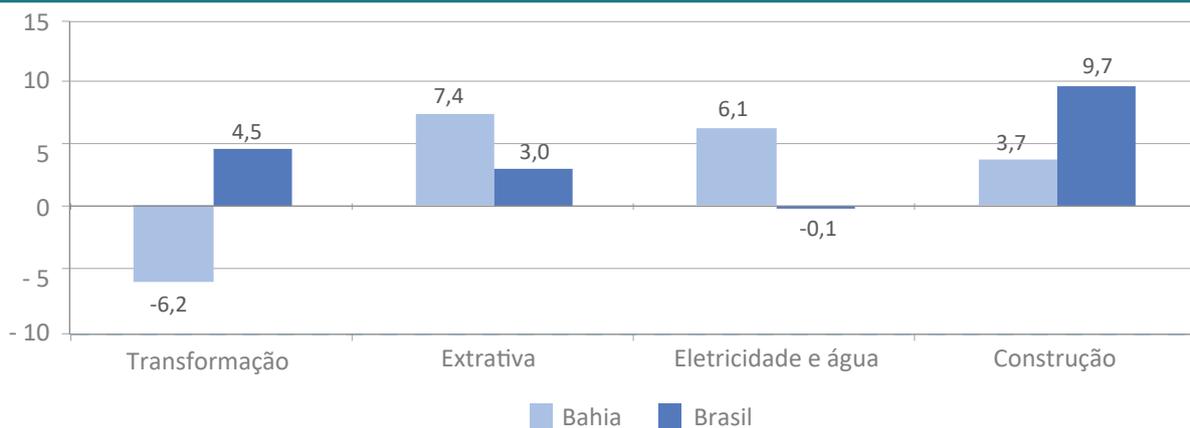
A expansão de 8,1% do setor agropecuário no período de janeiro a dezembro do ano é resultado da alta dos produtos agrícolas como Soja (+12,6%), Cacau (+23,0%) e Grãos (+4,4%). A atividade da agricultura, com participação de quase 70% no setor, cresceu 8,8% ao longo do ano.

A taxa do setor industrial da Bahia caiu 1,1% no acumulado do ano de 2021. A atividade com maior peso (54% da indústria geral) no setor, a Indústria de transformação fecha o ano com retração (-6,2%), enquanto as demais atividades apresentaram altas no acumulado do ano: Construção civil (3,7%); Eletricidade e água (+6,1%); Extrativa mineral (+7,4%).

O setor de Serviços da Bahia expandiu 5,5% de janeiro a dezembro de 2021, com destaque para os acumulados positivos nas atividades de Comércio (+11,9%), Transportes (+9,8%) e Outros Serviços (+6,1%). Ainda dentro do setor, observou-se incremento nas Atividades

imobiliárias (+2,3%) e na Administração pública (+1,9%). O impacto positivo nos Serviços (setor com a maior representatividade dentro da economia baiana) foi significativo no resultado final do PIB baiano.

Gráfico 5
Varição das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 4º tri. 2021(1)

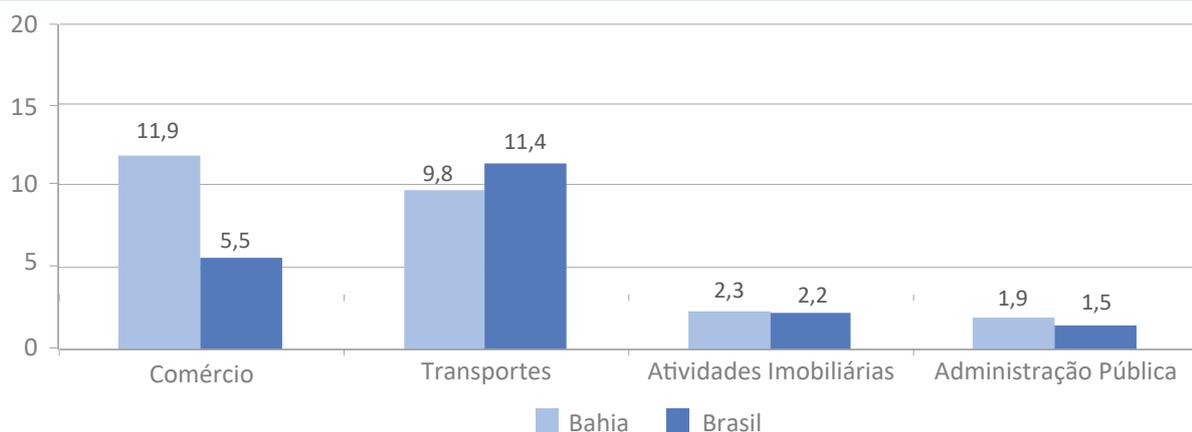


Elaboração: SEI/IBGE (2022).

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Gráfico 6
Varição das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 4º tri. 2021(1)



Elaboração: SEI/IBGE (2022).

Notas: (1) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

A conjuntura laboral baiana foi examinada aqui tendo por base os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Previdência, e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Resumidamente, no quarto trimestre, na Bahia, a recomposição do mercado de trabalho (sob o ponto de vista das principais variáveis) não somente mostrou prosseguimento como também se intensificou, mesmo sem significar superação do cenário ainda desfavorável e desafiador. Assim, a despeito de melhorias diversas, parte desses indicadores ainda desnuda uma realidade complicada.

Na Bahia, como ocorrido nos três trimestres anteriores de 2021 (quando 42.372, 27.311 e 41.915 novas vagas foram abertas, respectivamente), os números do intervalo mais recente, revelados pelo Caged, também surpreenderam positivamente¹⁶ – ainda mais se tratando do último trimestre, quando a ocorrência de saldo negativo costuma ser o mais frequente historicamente. De outubro a dezembro do ano passado, o montante de vínculos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho incorporou 22.181 novos registros, completando seis trimestres seguidos com expansão do nível de emprego formal e se constituindo na segunda variação positiva em um quarto trimestre no estado desde 2010.

A Bahia, assim, contabilizou 133.779 novos postos de trabalho no acumulado de janeiro a dezembro de 2021. Dessa forma, não seria exagero dizer que o estado fechou o ano com um desempenho estupendo em termos de geração de vagas formais. Afinal, segundo o Caged, trata-se do melhor resultado anual desde o ano de 2006 pelo menos – ou seja, melhor até mesmo do que o observado no celebrado ano de 2010, quando 133.130 novos vínculos foram estabelecidos¹⁷. No entanto, lembrando que não se trata de um resultado definitivo, já que ajustes decorrentes de declarações fora do prazo ainda serão feitos ao longo dos próximos meses, podendo revelar um montante maior ou menor – nesse sentido, como exemplo, recordar o que ocorreu com o resultado de 2020, que passou de uma perda inicial de 5.307 postos para uma eliminação de 22.589 postos após a incorporação dos ajustes.

16 Desde o início de 2020, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (*eSocial*) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, vem-se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes. Em breve, no entanto, o *eSocial* será a única fonte de dados a alimentar o sistema Caged.

17 Dado a natureza distinta de captação das informações decorrente da implantação do *eSocial* e a maior cobertura (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados ao Caged), as comparações com anos anteriores devem ser realizadas com cautela. Informações adicionais em <http://pdet.mte.gov.br/o-que-e-novo-caged>.

A dinâmica com mais admissões do que desligamentos não foi apurada em todos os meses do quarto trimestre de 2021 na Bahia. No caso, o mês de dezembro, mantendo a tradição, exibiu um saldo negativo, com eliminação líquida de 5.343 postos. O mês de novembro, por outro lado, foi o de maior saldo, com 15.273 novas vagas – revelando-se, assim, o terceiro melhor resultado mensal do ano até então. O mês de outubro testemunhou excedente menos destacado, com surgimento de 12.251 novos postos – suficiente, contudo, ao se somar com o saldo de novembro, para assegurar uma geração considerável de postos de trabalho no trimestre. Entretanto, em termos de saldo, vale destacar, apenas o mês do meio do referido intervalo evidenciou saldo superior ao de um ano atrás, já que os meses de abertura e fechamento do trimestre exibiram desempenhos piores do que os observados nos meses correspondentes do ano anterior.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de outubro a dezembro deste ano, com 278.657 postos a mais. Ademais, todas as regiões geraram postos de trabalho, com o Sudeste (+147.121 postos) evidenciando a melhor situação em termos absolutos e o Centro-Oeste (+7.762 postos) exibindo a cena menos favorável. A Região Nordeste, por sua vez, adicionou 87.873 novos vínculos no intervalo. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido na maioria delas, excetuando-se Santa Catarina (-2.589 postos) e Mato Grosso (-2.057 vagas). No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 22.181 oportunidades ocupacionais, ficou na terceira posição, cinco colocações acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho absoluto, enquanto Ceará (+17.026 vagas) e Piauí (+1.257 postos) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no período, respectivamente.

Conforme os dados do Caged, a Bahia iniciou o ano de 2021 dispendo de um estoque de 1.674.698 empregos com carteira assinada. Ao final dos 12 meses do referido ano, entretanto, esse montante se ampliou em aproximadamente 8,0%, fruto do surgimento de 133.779 vínculos nesse espaço de tempo – contribuindo para suplantar a perda líquida de 22.589 postos no ano imediatamente antecedente e ainda para renovar o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem.

A dilatação no mercado de trabalho formal baiano no último trimestre do ano passado não alcançou todos os estratos setoriais, já que houve eliminação líquida de postos em dois deles. A atividade de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente entre as cinco categorias, com a contratação líquida de 13.977 trabalhadores no período. O *Comércio*,

com 10.120 novos vínculos, também indicou um saldo relativamente estendido, assumindo o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com saldo positivo menos protuberante, veio o setor da *Construção* (+2.163 postos). A *Agropecuária* (-3.989 postos) e a *Indústria geral* (-90 postos), portanto, foram as únicas atividades a registrar um número maior de fechamentos do que aberturas de postos no citado intervalo no estado¹⁸. Por fim, importante frisar, segundo dados do Caged, a despeito de alguns resultados setoriais adversos no quarto trimestre de 2021, o estoque de vínculos celetistas atual já se encontra em patamar superior ao do período pré-pandemia para cada um dos grupamentos.

O levantamento mais recente da Pnad Contínua também apontou avanços no contexto do mercado de trabalho baiano, mas bem mais comedidos do que os expressados pelos dados do Caged (apesar de uma maior sintonia mais recentemente do que outrora). Além do mais, os progressos não se deram de forma irrestrita, visto que nem todos os indicadores progrediram segundo essa fonte de dados, a exemplo do rendimento médio real mensal e da massa de rendimento real.

A taxa de desocupação, foco dos holofotes, emendou a terceira queda trimestral seguida, após o auge no primeiro trimestre de 2021 (21,7%) – aguardando, porém, maior dinamismo da economia para se confirmar uma tendência. Além disso, ao passar de 18,7% para 17,3% da população na força de trabalho do terceiro ao quarto trimestre, contou com o sexto mais intenso recuo na margem da série (queda de 1,4 ponto percentual) – alcançando, dessa forma, o menor patamar desde o último trimestre de 2019 (16,5%). Em um ano, também houve recuo, já que estava em 20,7% no mesmo trimestre de 2020. Porém, apesar da melhora, é preciso ter em mente que a referida taxa ainda se encontra em patamar elevado, visto já ter sido inferior a dois dígitos ao longo da pesquisa por exemplo.

Das unidades da Federação, nenhuma apresentou alta da taxa trimestral de desocupação do terceiro ao quarto trimestre. Do mais, pela terceira vez seguida, a maior taxa não foi a da Bahia – fato que ocorreu por oito oportunidades em sequência antes disso. Desde o segundo trimestre de 2021, o estado baiano detém a segunda maior taxa do país. No intervalo mais recente, o estado do Amapá figurou como o responsável pelo índice mais elevado, com 17,5% – antes, no segundo e no terceiro trimestres, havia sido Pernambuco. Na outra ponta, Santa Catarina (4,3%) apresentou a menor estimativa. Em terras baianas, portanto, a situação se traduz em um indicador bem próximo ao registrado no Amapá e quatro vezes maior do que o observado em território catarinense. No Brasil e no Nordeste, as taxas ficaram em 11,1% e 14,7%, respectivamente.

¹⁸ Por praticidade, houve simplificação de algumas categorizações. Os grupamentos *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* foram denominados simplesmente como *Agropecuária* e *Comércio*, nessa ordem.

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, assim como do primeiro para o segundo e do segundo para o terceiro trimestre, o mercado de trabalho baiano experimentou tanto uma alta na ocupação quanto uma queda na desocupação, cursos que convergiram para a compressão da taxa de desocupação – a influência, em termos absolutos, destaque-se, adveio mais do primeiro (mais 117 mil ocupados ou +2,0%) do que do segundo movimento (menos 96 mil desocupados ou -7,2%). No entanto, a alta da ocupação se mostrou menos intensa e a queda da desocupação mais ampla agora do que no decurso do segundo para o terceiro trimestre.

O contingente de ocupados nos últimos três meses de 2021, com 5,914 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, assim, revelou-se o maior desde o registrado no quarto trimestre de 2017. Esse montante, porém, já foi de 6,451 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada ficou em 1,240 milhão de indivíduos, o menor contingente em dois anos – ficando abaixo, finalmente, do registrado no trimestre imediatamente pré-pandemia (ou seja, no primeiro trimestre de 2020). Por fim, mesmo com o terceiro maior quantitativo de gente em idade de trabalhar da série, o número de pessoas fora da força de trabalho diminuiu, quinto trimestre seguido com encolhimento, chegando a 4,880 milhões – sem dúvida, algo positivo, mas que, por ainda se manter num patamar maior do que qualquer outro de antes da pandemia, pode repercutir negativamente na desocupação caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação.

Após duas quedas trimestrais sucessivas, o conjunto dos informais completou seis altas subsequentes. O quantitativo de formais, depois de ter encolhido, se expandiu pela terceira vez seguida. Importante pontuar que, diferentemente do ocorrido do primeiro ao segundo e do segundo ao terceiro trimestre de 2021, o aumento atual da ocupação no estado se deu principalmente pelo canal da formalidade – o que acarretou, em termos relativos, um recuo da informalidade. Na passagem mais recente, pouco mais de seis em cada dez pessoas que passaram a trabalhar eram formais – anteriormente, do segundo ao terceiro trimestre, por exemplo, foram pouco mais de 30,0%. Dessa maneira, ao incorporar mais trabalhadores ao polo protetivo, tal movimento, embora ainda não consolidado, tende a fortalecer uma via de recuperação mais qualificada do mercado de trabalho. Por fim, o período de outubro a dezembro de 2021 contabilizou 3,270 milhões de ocupados na informalidade e 2,643 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 55,3%, o segundo maior percentual desde que começou a ser calculado e o quinto maior do país. No Brasil como um todo, 40,7% dos trabalhadores se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no quarto trimestre de 2021, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.558 – simplesmente, o menor da história para o estado e o segundo mais baixo entre as unidades federativas (maior apenas do que o do Maranhão, estimado em R\$ 1.463). Em relação ao mesmo intervalo de 2020, quando estava em R\$ 1.760, houve queda de 11,5% (ou seja, menos R\$ 202) – a terceira maior retração interanual averiguada. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.639, ocorreu uma variação negativa de 4,9% (menos R\$ 81), segunda queda consecutiva e o terceiro maior recuo entre trimestres adjacentes.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 8,870 bilhões, o segundo menor montante já contabilizado – significando uma contração de 2,6% frente ao do terceiro trimestre de 2021 (de R\$ 9,108 bilhões) e uma ligeira diminuição de 0,4% no comparativo com o total do mesmo período do ano antecedente (cujo valor havia sido de R\$ 8,902 bilhões). Assim, após duas altas consecutivas, a massa de rendimento real diminuiu quando se compara com o montante do trimestre imediatamente antecedente. Por fim, importante destacar, a queda recente se deu exclusivamente por conta do encolhimento do rendimento médio, já que o número de pessoas trabalhando cresceu.

Por fim, enquanto os dados do Caged permitem anunciar uma exuberante recuperação em “V” (ou até mais do que isso, já que aponta que todos os postos com carteira assinada eliminados ano passado não somente foram recuperados como muitos outros foram gerados), os indicadores da Pnad Contínua, apesar de progressos diversos, repercutem ainda o misto de uma conjuntura desfavorável e uma recomposição lenta e gradual como esperado. Assim, mesmo com chances de que avanços continuem ocorrendo, não há como atestar que o ritmo dessa recuperação esteja alicerçado em forças estruturais consistentes para uma ampliação substancial do emprego e da renda no médio prazo. Afinal, além de ser costumeiramente um dos últimos pilares a materializar uma reabilitação completa, não há em trânsito expansão econômica em magnitude suficiente a ponto de escorar uma melhoria expressiva e veloz do mercado de trabalho em todos os seus elementos. Diga-se de passagem, isso tudo sem colocar na balança a possibilidade de continuidade e intensificação dos conflitos entre a Rússia e a Ucrânia e os seus desdobramentos sobre a economia global.